



Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCG

CENTRO DE HUMANIDADES-CH

UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA-UAG

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA-CGEO

SEVERINO JUSTINO SOBRINHO

**AGROECOLOGIA VERSUS AGRICULTURA CONVENCIONAL: UM ESTUDO
COMPARADO ENTRE OS SÍTIOS RIBEIRO E SÃO TOMÉ-ALAGOA NOVA - PB**

CAMPINA GRANDE - 2013

SEVERINO JUSTINO SOBRINHO

**AGROECOLOGIA VERSUS AGRICULTURA CONVENCIONAL: UM ESTUDO
COMPARADO ENTRE OS SÍTIOS RIBEIRO E SÃO TOMÉ-ALAGOA NOVA - PB**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, Campus I, para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora:
Prof. Ma. Aline Barboza de Lima

Campina Grande – 2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

J96a Justino Sobrinho, Severino.
Agroecologia versus agricultura convencional : um estudo comparado entre os sítios Ribeiro e São Tomé-Alagoa Nova - PB / Severino Justino Sobrinho. – Campina Grande, 2013.
78 f. : il. color.

Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2013.

“Orientação: Profa. Ma. Aline Barboza de Lima”.

Referências.

1. Geografia Agrária. 2. Agroecologia. 3. Agricultura Convencional 4. Feiras Agroecológicas. 5. Sementes Crioulas
I. Lima, Aline Barboza de. II. Título.

CDU 911.3:631(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UAG
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA - CGEO

BANCA EXAMINADORA DE: **SEVERINO JUSTINO SOBRINHO**

TÍTULO: **AGROECOLOGIA VERSUS AGRICULTURA
CONVENCIONAL: UM ESTUDO COMPARADO ENTRE OS
SÍTIOS RIBEIRO E SÃO TOMÉ - ALAGOA NOVA - PB**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
Curso de Licenciatura em Geografia

Campina Grande (PB), 26 de julho de 2013.


Profª. Ma. Aline Barboza de Lima (UFCG) (orientadora)


Profª. Dra. Martha Priscila Bezerra Pereira (UFCG) (examinadora)


Prof. Me. Anderson Alves dos Santos (UFPB) (examinador)

Aos camponeses e trabalhadores do Sítio Ribeiro e São Tomé, e ao grupo de extensão em Agroecologia da UFCG/UAG, inspirações para a construção deste trabalho.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por essa conquista importante em minha vida e na minha formação social.

A minha orientadora, Aline Barboza de Lima, por sua dedicação em orientar-me, por ter contribuído para a minha formação através de suas aulas e seus projetos de extensão em Agroecologia. Pelos trabalhos orientados para os eventos que participei e pela contribuição nos mesmos. Pelos telefonemas feitos, sempre atendendo meus pedidos, tirando minhas dúvidas e me sugerindo algo.

Aos professores do curso de Geografia da UFCG, campus I pelas suas contribuições na minha formação, como também a secretaria do curso na pessoa de Marcelo pela ajuda quando necessitei.

A todos os meus amigos e colegas da turma 2009.1 do curso de Geografia, pela convivência diária durante todos os períodos de curso, em particular a Kleiton Wagner, por sua contribuição nesta pesquisa, sempre disposto a atender as minhas solicitações.

Aos membros da banca examinadora, a professora Martha Priscila Bezerra Pereira e ao professor Anderson Alves dos Santos.

Aos meus companheiros do projeto de extensão: Feiras Agroecológicas em Campina Grande: Informação e comunicação na relação campo-cidade; Ana Paula, Ana Paula Machado, Daniel, Rozana, José Geraldo, Déborah, Priscila, Nayara, Juliete, Renata, Natane. Pela partilha nas leituras dos textos do projeto, pelos trabalhos de campo vivenciados durante dois anos de projeto coordenado pela professora Aline.

Aos camponeses do sítio Ribeiro: Seu Inácio, Ernandes, Givonaldo, Gilberto, Seu Joaquim, Epitácio, Eilso, Evangelista, Orlando, Ivanildo pelo grande apoio para a pesquisa, sempre dispostos a repassar seus conhecimentos, desejos e superações.

Aos trabalhadores assalariados do sítio São Tomé por não se negaram a atender a aplicação dos questionários e ao dono da empresa por atender as solicitações.

Aos dirigentes da Ecoborborema e do sindicato de Alagoa Nova pelo apoio e contribuição repassada.

Aos meus pais, Maria Abel da Silva e José Justino da Silva (In Memória) que sempre estavam dando apoio para os filhos estudarem apesar dos poucos recursos que tinham queriam que eles galgassem algo melhor para suas vidas através dos estudos. Acredito que se meu pai estivesse vivo estaria realizado em estar junto comigo comemorando mais uma vitória.

Aos meus irmãos e a toda minha família por compartilhar essa conquista.

A minha sogra, Izabel Alves da Silva, sempre me incentivando e dando apoio.

A minha companheira e esposa, Maria Regina Alves dos Reis, que sempre tem me apoiado nas decisões diárias, por suas sugestões, críticas construtivas. Agradeço pelo seu companheirismo e por compartilhar momentos agradáveis juntos. Lembro-me de seu apoio para eu não desanimar no objetivo de entrar na graduação, sempre me incentivou e continua da mesma forma. A vitória de um é a vitória de ambos.

Enfim a todos que diretamente ou indiretamente contribuíram para minha formação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I: Sítio Ribeiro: Construção de territorialidades agroecológicas	19
1.1 As Territorialidades Camponesas no Ribeiro	20
1.2 Campesinato e organizações camponesas no Sítio Ribeiro.....	24
1.3 Feiras agroecológicas camponesas	29
1.4 Organizações e fortalecimento da agricultura camponesa	33
CAPÍTULO II: A agricultura convencional no modo capitalista de produção: uma análise da empresa rural Hortaliças Sempre Verde.....	37
2.1 A Empresa rural Hortaliças Sempre Verde e sua dinâmica espacial.....	38
2.2 Relações capitalistas de produção e agricultura	40
2.3 Exploração da força de trabalho e da mais-valia.....	46
2.4 Redes de supermercado e incorporação da agricultura camponesa.....	49
CAPÍTULO III: A Agroecologia como proposta ideológica à agricultura convencional.....	52
3.1 Práticas da Agroecologia versus agricultura convencional	53
3.2 Autonomia e Feiras Agroecológicas camponesas no Agreste Paraibano.....	59
3.3 Sementes Crioulas e alternativas camponesas.....	63
Considerações Finais	68
Referências Bibliográficas.....	71
Apêndices	

Listas de Mapas, Figuras, Gráficos e Quadro

Mapa 01: Localização da mesorregião Agreste, micro região do Brejo e de Alagoa Nova-PB.....	16
Mapa 02: Localização da área de estudo: Ribeiro e São Tomé-Alagoa Nova-PB.....	16
Figura 01: Reunião da Ecoborborema em Lagoa Seca-PB.....	29
Figuras 02 e 03: Camponês Ernandes e o seu banco de sementes.....	35
Figura 04: Vista da sede da empresa Hortaliças Sempre Verde.....	39
Quadro: Perfil dos trabalhadores da Hortaliças Sempre Verde.....	41
Figura 05: Trabalhador adubando os canteiros de hortaliças.....	42
Figuras 06 e 07: Adubo utilizado nas hortaliças.....	43
Figuras 08 e 09: Embalagem de Agrotóxicos e sementes transgênicas utilizadas nas hortaliças.....	45
Figuras 10 e 11: Lavagem da alface e embalagem da produção no galpão.....	47
Gráfico: Escolaridade dos trabalhadores pesquisados da “Hortaliças Sempre Verde”.....	48
Figuras 12 e 13: Caminhões para transportar produtos convencionais e outro para produto orgânico.....	50
Figuras 14 e 15: Adubo natural no Sítio Ribeiro e adubo artificial no São Tomé.....	55
Figura 16: Imagem da propriedade de Seu Inácio no Sítio Ribeiro.....	56
Figuras 17 e 18: Selo antigo e selo atual de Seu Inácio.....	58
Figuras 19 e 20: Associação do Ribeiro e o Banco de sementes do Polo Sindical da Borborema.....	66
Figuras 21 e 22: Manipueira utilizado como fertilizante natural pelos camponeses.....	67

Listas de Siglas

AESA – Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba

AS-PTA – Agricultura Familiar e Agroecologia

CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento

EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

ONG – Organização Não Governamental

PAA - Programa de Aquisição de Alimentos

PAIS - Programa Agroecológico Integrado Sustentável

PCB – Partido Comunista do Brasil

PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar

PROBEX- Programas de Bolsas de Extensão

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Grandes Empresas

UAG – Unidade Acadêmica de Geografia

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

UFMG - Universidade Federal de Campina Grande

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Resumo

O presente trabalho versa sobre as práticas agroecológicas no Sítio Ribeiro comparado às práticas da agricultura convencional no Sítio São Tomé localizado no município de Alagoa Nova- PB. Analisamos as práticas autônomas e de subordinação dos dois modelos agrícolas de produção. Objetivamos compreender as práticas agrícolas dessas duas propriedades, a partir da análise da Agroecologia e a influência das práticas da agricultura capitalista presentes nas territorialidades e produções camponesas na região Agreste. As análises qualitativas relatadas pelos entrevistados alicerçam e fundamentam a pesquisa. As práticas neoliberais de apoio aos agrotóxicos incentivados pelo Estado, e posteriormente abandonados pelos camponeses ao optarem pelo modelo agroecológico, difere das práticas da empresa rural produtora de hortaliças que intensificam o uso desses produtos na produção. Enfatizamos as conquistas territoriais dos camponeses através das Feiras Agroecológicas nas cidades da região Agreste da Paraíba, adquirindo ferramentas para a autonomia agrícola, garantindo a dignidade social dos camponeses que vem se impondo às práticas de atravessadores na região, levando diretamente sua produção até o consumidor, apoiados por associações e sindicatos. A metodologia utilizada para a construção da pesquisa foram trabalhos de campo realizados nas Feiras Agroecológicas, nas produções agrícolas do Ribeiro e São Tomé, registros fotográficos, filmagens, aplicação de questionários e entrevistas para analisarmos e comparar as dicotomias existentes. A conquista da autonomia agrícola se dá localmente com a manutenção das culturas e hábitos camponeses como a seleção de sementes crioulas enaltecendo a segurança alimentar e autonomia camponesa.

Palavras-chave: agroecologia, agricultura convencional, autonomia, Feiras Agroecológicas, sementes crioulas.

ABSTRACT

This paper discusses the agroecological practices on Sítio Ribeiro compared to the conventional agriculture practices on Sítio São Tomé, both located in the city of Alagoa Nova – PB. We analyzed the autonomous practices and the subordination practices these two agricultural production models. We aimed to understand the agricultural practices these two properties from the Agroecology analysis and the influence of the capitalist agricultural practices current in the territory and in the peasant productions on the agreste region. Qualitative analyzes reported by the interviewees underlie and underpin the research. Neoliberal practices support to pesticides encouraged by the State government and after abandoned by the peasants opting for the agroecological model differ from the practices of the farm production company of vegetables, which intensify the use these products. We emphasize the territorial conquests by the peasants through the Agroecological Fairs on the cities of the agreste region of Paraíba acquiring tools to agricultural autonomy, ensuring the social dignity of the peasants who are beginning to impose to the intermediaries' practices taking their production directly to the consumer. They are imposing themselves supported by the associations and unions. The methodology used to making the research was based on fieldwork at the Agroecological Fairs, on the agricultural production of the Sítios São Tomé and Ribeiro, photographic records, video records, questionnaires and interviews in order to analyze and compare the dichotomies existent between the farms. The conquest of agricultural autonomy occurs locally with the maintenance of the cultures and the peasants' habits such as the selection of native seeds exalting the food security and the peasant autonomy.

Keywords: Agroecology, Conventional Agriculture, Autonomy, Agroecological Fairs and Creole seeds.

INTRODUÇÃO

As territorialidades agroecológicas na Paraíba tomam impulso a partir das Feiras Agroecológicas¹ em diversas cidades do estado desde o litoral ao sertão há mais de uma década. Na região Agreste da Paraíba essas conquistas existem desde o ano de 2001 com grupos de camponeses que produziam nos moldes da Agroecologia, onde resolveram se unir para escoar sua produção até as cidades. Essas conquistas foram possíveis graças à união coletiva dos camponeses da localidade.

O interesse na temática da Geografia Agrária e Agroecologia surgiu durante o ano de 2011 com a participação no projeto PROBEX (Programas de Bolsas de Extensão) da UFCG, coordenado pela professora do curso de Geografia, Aline Barboza de Lima, intitulado, Feiras Agroecológicas em Campina Grande: Informação e comunicação na relação campo-cidade². Esta participação no projeto foi importante para uma maior aproximação com a ciência geográfica no tocante as questões agrárias. Voluntário na pesquisa, começamos a conhecer as produções agroecológicas na região Agreste do estado da Paraíba, conhecendo sua dinâmica espacial, através de visitas a Feira Agroecológica da estação velha em Campina Grande, que nos deu a dimensão da importância e magnitude da produção e de outras feiras na região.

A renovação do Projeto no ano 2012 possibilitou uma maior aproximação com os movimentos sociais que apóiam as Feiras Agroecológicas camponesas, como a Ecoborborema, e outras associações e sindicatos rurais.

As diversas visitas de campo na extensão possibilitou um maior conhecimento da dimensão das produções agrícolas no Agreste. Nos anos de 2011 visitamos feiras e produções camponesas. No município de Lagoa Seca, visitamos o Sítio Almeida. Conhecemos o Assentamento Carrasco localizado entre os municípios de Alagoa Nova e Esperança que há mais de oito anos adquiriram o título da terra de uma área improdutiva e desde que tomaram posse, cerca de dez famílias estão envolvidas na produção agroecológica. Em outra

¹ Concepção de desenvolvimento participativo que as envolve se inicia no processo produtivo através do manejo dos recursos naturais sob um pressuposto ecológico e se estende até o processo de comercialização/circulação da produção, através da organização coletiva e integrada onde os camponeses interagem de forma direta com outros atores sociais, entre estes, os técnicos agrícolas, extensionistas ligados às ONG's ou Universidades, consumidores e trabalhadores urbanos. (SANTOS, 2007,p.75).

² Projeto desenvolvido pela UFCG, campus Campina Grande, O objetivo do projeto foi criar mecanismos de divulgação da Feira Agroecológica Regional de Campina Grande, para estimular o consumo de alimentos saudáveis e incentivar a pequena produção camponesa. Coordenado pela professora, Aline Barboza de Lima. (PROBEX 2011/2012).

oportunidade conhecemos a produção dos camponeses do Sítio Ribeiro, município de Alagoa Nova, onde há mais de dez anos comercializam seus produtos nas feiras de diversas cidades.

A partir da visita ao Sítio Ribeiro, instiguei-me a conhecer melhor a dinâmica produtiva desses camponeses que foram os pioneiros das diversas Feiras Agroecológicas. Além disso, despertou-me o interesse de pesquisar as interferências da empresa agrícola de hortifrutigranjeiros localizada nas proximidades nas produções agrícolas camponesas do Ribeiro.

No ano de 2012 tivemos a oportunidade de compartilhar mais leituras da temática agrícola a partir de grupos de estudo, onde discutimos temas como agroecologia, agrotóxicos, sementes transgênicas e outras temáticas. Visitamos uma produção agroecológica em Lagoa Seca, no Sítio Oiti, que escoam suas produções para feiras e redes atacadistas. Visitamos também a sede da Ecoborborema que funciona no mesmo município, constatando assim sua dinâmica coletiva e organizacional, além do apoio de outras organizações não governamentais que colaboram com as iniciativas camponesas. Neste mesmo ano viabilizamos oficinas temáticas em escolas da rede municipal de Campina Grande para levar ao conhecimento dos alunos a temática da Agroecologia e sua inserção na sociedade.

Nos dois anos do projeto de extensão o grupo construiu vários boletins informativos sobre as produções, feiras, dificuldades e perspectivas camponesas na região para serem divulgados em redes sociais objetivando um maior conhecimento da sociedade pelos produtos agroecológicos, garantindo assim uma maior qualidade de vida com o consumo de alimentos saudáveis.

Foram criados alguns espaços de divulgação no PROBEX de 2011, como uma conta no facebook (**Agroecologia Cg: Endereço: <http://www.facebook.com/profile.php?id=100002468183621&ref=ts>**), e outra no twitter (**@agroecologiacg / GRUPO DE EXTENSÃO da UFCG / Título: Feiras Agroecológicas em Campina Grande: informação e comunicação na relação campo-cidade / Campina Grande**), que foram continuamente alimentadas com informações sobre Agroecologia e sobre as feiras e produções agroecológicas. Atualmente as redes sociais na internet são meios de acesso rápido e bastante divulgados. Dessa forma, um maior número de pessoas pode ter acesso às informações sobre a produção e comercialização de alimentos agroecológicos.

A participação em monitoria do ano 2012 da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), também nos deu respaldo teórico no aprofundamento da Geografia Agrária. A importância de compreender temas referentes à Agroecologia, Geografia Agrária, comunidade, Ligas Camponesas, Reforma Agrária, agricultura convencional, agrotóxicos,

transgênicos, território, espaço agrário, entre outras temáticas aprofundou-me nas discussões e temáticas da pesquisa agrária no Brasil e na Paraíba.

Na construção metodológica, procuramos realizar trabalhos de campo nas áreas estudadas que foram importantes para o desenvolvimento da pesquisa. Aplicamos diferentes recursos tais como registros fotográficos, filmagens, aplicação de entrevistas com câmaras digitais e de celulares, como também questionários aos camponeses e trabalhadores assalariados. Essas pesquisas de campo ocorreram no Sítio Ribeiro, São Tomé, na Feira Agroecológica da Estação Velha em Campina Grande-PB e no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Nova. Esses dados serviram para quantificar e qualificar a pesquisa.

A abordagem qualitativa da pesquisa através das pesquisas de campo nos deu respaldo as respostas e indagações das localidades analisadas. Nas entrevistas³ com os camponeses do Sítio Ribeiro, constatamos seus anseios e conquistas. A partir das análises das entrevistas selecionamos os relatos para a construção da pesquisa e respaldo temático. Essas entrevistas ofereceram-nos dados históricos da localidade, processos de construção da agroecologia na região e perspectivas dos camponeses.

A análise da entrevista com o dono da empresa rural⁴ do São Tomé possibilitou as comparações entre as duas realidades estudadas e da produção convencional utilizando produtos de origem agrotóxica. Esses dados qualitativos também foram importantes para analisarmos a forma de trabalho assalariado na empresa de hortaliças, através da aplicação dos questionários⁵, foi possível conhecer suas dinâmicas produtivas e relações trabalhistas com o empregador. Esses dados possibilitaram a comparação entre as realidades agrícolas do São Tomé e do Ribeiro.

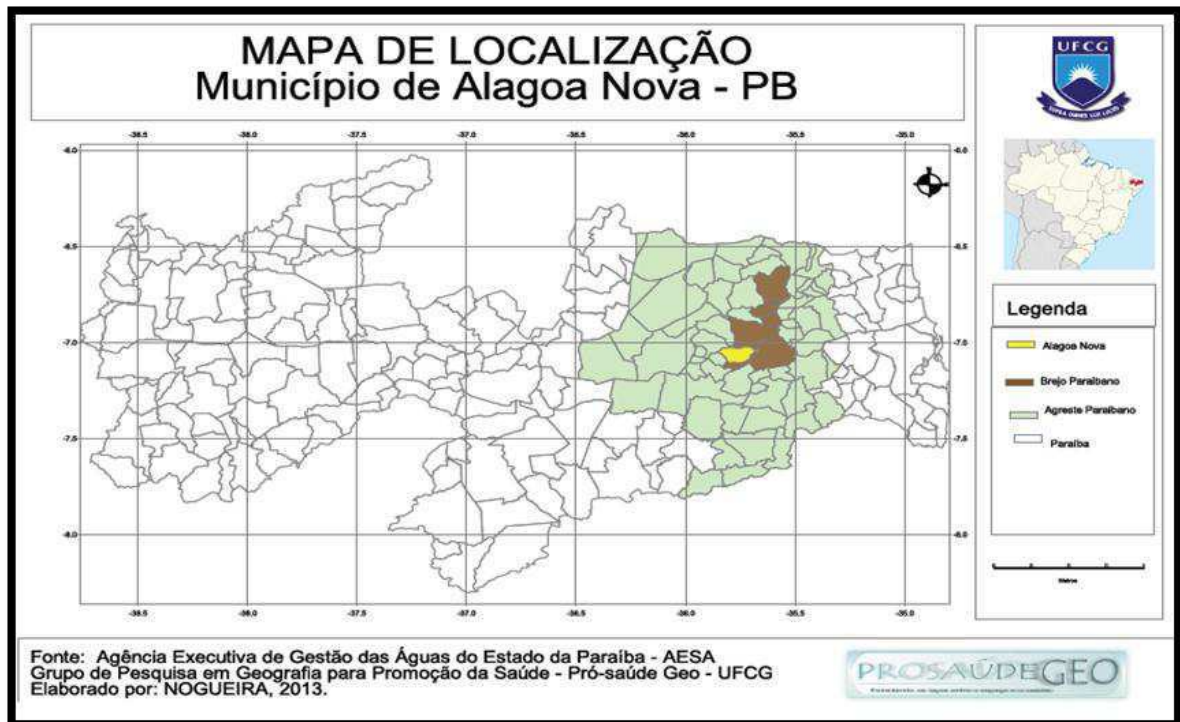
A Região Agreste do estado da Paraíba concentra uma agricultura diversificada e clima favorável para uma vasta produção agrícola de subsistência camponesa ou de exportação. Localizada na mesorregião Agreste e microrregião do brejo paraibano a cidade de Alagoa Nova distante, 28 km da cidade de Campina Grande e 148 km da capital João Pessoa, possui um clima de brejo de altitudes, o que favorece o desenvolvimento da policultura. A população é de 19.861 habitantes distribuídas quase que igualmente entre a zona rural (9.887) e a zona urbana (9.794). Sua densidade demográfica corresponde a 160 hab./ km². (IBGE, 2010). Há um número ligeiramente maior de população rural, concentrando um dos polos agrícolas da região. No mapa a seguir temos a localização do município:

³ Apêndice A

⁴ Apêndice B

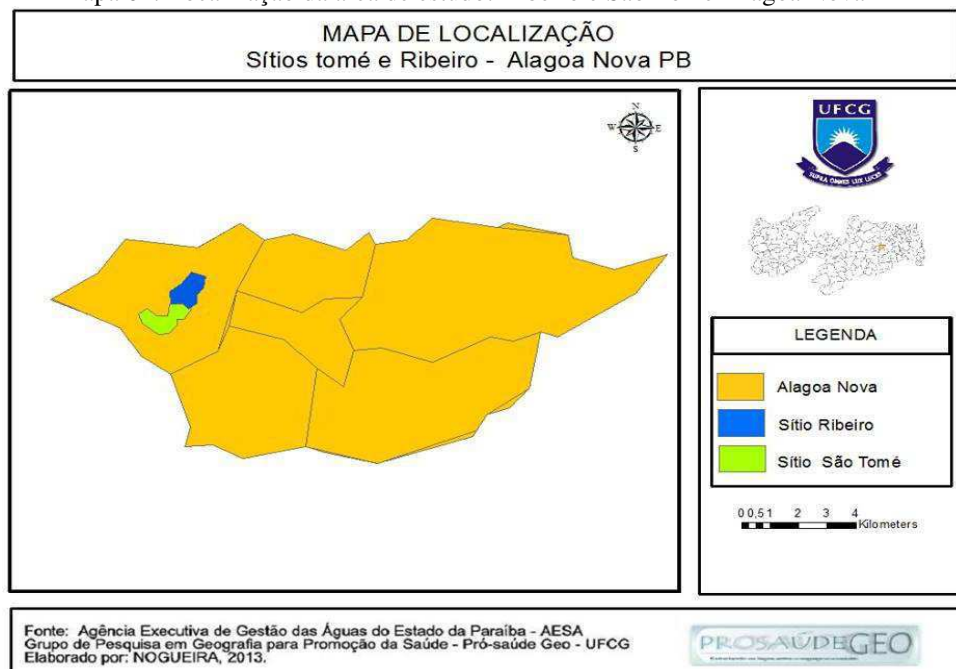
⁵ Apêndice C

Mapa 01: Localização da mesorregião Agreste, micro região do Brejo e de Alagoa Nova-PB.



O município de Alagoa Nova possui uma produção agrícola majoritariamente baseada nas práticas agrícolas convencionais, com o uso de produtos químicos para acelerar a produção da agricultura, contudo, várias famílias trabalham sob os princípios da sustentabilidade social e ambiental. O município comercializa seus produtos em diversos centros urbanos da Paraíba e de outros Estados. No mapa a seguir temos as áreas de estudo:

Mapa 02: Localização da área de estudo: Ribeiro e São Tomé-Alagoa Nova-PB



A agricultura orgânica também faz parte do potencial agrícola do município e apesar de proporcionalmente menor, é significativamente importante, alterando aspectos da saúde, bem estar social, e da renda das famílias camponesas envolvidas com essa prática agrícola. As práticas agrícolas observadas no Sítio Ribeiro integram uma agricultura que abrange dimensões culturais, políticas e ambientais da prática agrícola. A localidade beneficia-se das características da região do Agreste da Paraíba, que possui trecho de precipitações regulares que garantem umidade durante o ano. Isso faz com que a produção camponesa se desenvolva todo o ano, com produções diversificadas para atenderem ao mercado consumidor.

A construção desta pesquisa está dividida em três capítulos que irão mostrar a forma de organização dos camponeses no Sítio Ribeiro e suas organizações sociais ao longo dos anos. Ressaltaremos a questão da agricultura em larga escala que produz para atender as redes atacadistas e sua influência nos camponeses da região. Desta forma, contribuindo para o aprofundando da temática agrária em questão.

No primeiro capítulo, intitulado: **“Sítio Ribeiro: Construção de territorialidades agroecológicas”** abordaremos as questões territoriais da Agroecologia a partir das organizações camponesas do sítio Ribeiro e sua formação territorial. Buscaremos analisar teóricos que ressaltam a questão camponesa e a luta pela terra, considerando aspectos históricos como o movimento das Ligas Camponesas, ocorridas no Brasil e no estado da Paraíba, até a atualidade, compreendendo a formação da autonomia dos camponeses através de práticas agroecológicas, presentes no dia-a-dia dos camponeses no sítio Ribeiro, enfatizando organizações que valorizam a liberdade e os aspectos culturais da produção e escoamento agroecológico desses camponeses.

No segundo capítulo, nomeado: **“A agricultura convencional no modo capitalista de produção: uma análise da empresa rural Hortaliças Sempre Verde”**, ressaltaremos as questões sociais e produtivas da empresa agrícola “Hortaliças Sempre Verde”, produtora de hortaliças, a qual fornece seus produtos para diversas redes atacadistas do ramo alimentício. Abordaremos as relações de trabalho dos funcionários da empresa e sua relação trabalhista, assim como a exploração de sua força de trabalho, o que vai interessar as formas de produção do capital. Ressaltaremos a forma de produção convencional praticada na empresa, ligando-a a temática da Revolução Verde, que de acordo com Primavesi (2003) com esse meio de produção “iniciou-se o desmatamento e a exploração dos solos no mundo inteiro”. Destacaremos a exploração do trabalho assalariado e do solo da propriedade para o véis lucrativo.

No terceiro capítulo, intitulado: “**A Agroecologia como proposta ideológica á agricultura convencional**”, ressaltaremos a agroecologia camponesa e sua importância para as comunidades rurais e as diferenças deste tipo de agricultura com a agricultura convencional praticada na empresa rural do sítio São Tomé. Buscaremos mostrar as diferenças e semelhanças das duas formas de produção agrícola, que tiveram suas formas de produção apoiadas pelo estado. Discutiremos a questão da submissão do camponês ao capitalismo, como também a sua busca de construção de autonomia política e social. Destacaremos as políticas sociais que valorizam a renda camponesa agroecológica e o apoio de entidades civis não governamentais para os camponeses.

Nas “**Considerações Finais**”, fazemos uma análise do potencial agroecológico do Sítio Ribeiro e as intervenções econômica da empresa Hortaliças Sempre Verde nas produções de alguns camponeses, como também perceber como as conquistas territoriais das Feiras Agroecológicas trouxeram mais renda para os camponeses, trazendo uma maior qualidade de vida tanto economicamente como na saúde, resgatando a soberania e segurança alimentar para o homem do campo e da cidade, sempre com respeito e cuidado com a terra.

CAPÍTULO I

Sítio Ribeiro: Construção de territorialidades agroecológicas

**Tudo aconteceu num certo dia
Hora de Ave Maria
O Universo viu gerar
No princípio, o verbo se fez fogo
Nem Atlas tinha o Globo
Mas tinha nome o lugar
Era Terra,
E fez o criador a Natureza
Fez os campos e florestas
Fez os bichos, fez o mar
Fez por fim, então, a rebeldia
Que nos dá a garantia
Que nos leva a lutar
Pela Terra,
Madre Terra, nossa esperança
Onde a vida dá seus frutos
O teu filho vem cantar
Ser e ter o sonho por inteiro
Sou Sem Terra, sou guerreiro
Co'a missão de semear
A Terra, Terra,
Mas, apesar de tudo isso
O latifúndio é feito um inço
Que precisa acabar
Romper as cercas da ignorância
Que produz a intolerância
Terra é de quem plantar
A Terra, Terra,
Terra, Terra...**

(Canção da terra/Pedro Munhoz)

1.1 As Territorialidades Camponesas no Ribeiro

Este capítulo trata da formação de territorialidades agroecológicas a partir da organização camponesa no Sítio Ribeiro. Consideremos as organizações e entidades sociais dos camponeses a exemplo da Ecoborborema, com o objetivo de compreender como essa entidade tem buscado difundir e aumentar a autonomia camponesa no Agreste, assim como também Organizações Não Governamentais - ONG's, como a AS-PTA⁶ que presta assessoria técnica aos camponeses. Essas organizações merecem destaque, pois ajudam a manter a fiscalização entre os próprios camponeses para que eles permaneçam neste sistema agrícola alternativo.

Há a necessidade de compreender a autonomia camponesa a partir das Feiras Agroecológicas no Agreste paraibano. Ressaltamos a importância social dos camponeses para conseguirem conquistas territoriais coletivas até a atualidade.

Analisar-se as questões da agricultura industrial inserida na agricultura camponesa com a contribuição do estado e sua ação negativa para o ambiente. A alternativa a esse modelo agrícola deu-se através de conquistas como a comercialização direta nas Feiras através de organizações sociais para o fortalecimento da Agroecologia no Sítio Ribeiro. Para um sítio ser agroecológico tem que haver harmonia entre o homem e o meio ambiente, como ressalta um camponês do Sítio Ribeiro:

O sítio pra ter esse nome agroecológico tem que ter a característica de cuidado, não ter um plástico espalhado pelo terreno, não ter veneno, não ter erosão, ter diversificação de frutas e verduras e folhagens, florestal porque muita gente quer derrubar um pé de camunzé, meu amigo se você derrubar um pé de camunzé onde é que vai se alojar os pássaros e a semente dele que serve pros pássaros, e as sabiás se você derrubar você vai tirar as estaca da onde,tem que ter a jaca ,tem que ter a mangueira, tem que ter o abacate, tem que ter a laranjeira ,tem que ter o limão, tem que ter a jabuticaba ,tem que ter o pé de pitomba,eu não acredito que um sítio sem essa diversificação ele faz parte da agroecologia. Pra fazer parte da agroecologia tem que ter um composto completo, um corpo humano tem que ser cuidado, se um corpo humano sentiu que está com um problema na unha, todo o corpo sofre,

⁶ A AS-PTA – Agricultura Familiar e Agroecologia é uma associação de direito civil sem fins lucrativos que, desde 1983, atua para o fortalecimento da agricultura familiar e a promoção do desenvolvimento rural sustentável no Brasil. A experiência acumulada pela entidade ao longo desses anos permitiu comprovar a contribuição do enfoque agroecológico para o enfrentamento dos grandes desafios da sustentabilidade agrícola pelas famílias agricultoras. A AS-PTA participou da constituição e atua em diversas redes da sociedade civil voltadas para a promoção do desenvolvimento rural sustentável. Ao mesmo tempo em que constituem espaços de aprendizado coletivo, essas redes proporcionam ações articuladas de organizações e movimentos da sociedade para influenciar elaboração, implantação e monitoramento de políticas públicas. (<http://aspta.org.br/quem-somos>) Acesso em 21/06/2013

porque ali só basta um probleminha que você infecciona uma unha, infecciona todo o seu corpo, mesmo assim é a terra, a terra quando ela esta usando qualquer tipo de agressão ela esta sofrendo. (Relato de um camponês do Sítio Ribeiro: 11/06/2013).

A formação dessas territorialidades agroecológicas se fundamenta na tomada de decisões de poder que estes camponeses atuam, sejam elas na atuação social de valorização dos produtos agrícolas camponeses, ou pela conquista dos espaços conquistados nos centros urbanos com as Feiras Agroecológicas, conquistadas através da união entre os feirantes e as entidades como associações e sindicatos de trabalhadores rurais. Desta forma, temos um desenvolvimento social e uma relação de pertencimento com o lugar conquistado ou habitado.

Uma sociedade autônoma é aquela que logra defender e gerir livremente seu território, catalisador de uma identidade cultural e ao mesmo tempo continente de recursos, recursos cuja acessibilidade se dá, potencialmente, de maneira igual para todos. Uma sociedade autônoma não é uma sociedade “sem poder”, o que, aliás, seria impossível. (SOUZA ,2010.p.106).

A autonomia territorial e social é buscada pelos camponeses das Feiras Agroecológicas, várias famílias no município de Alagoa Nova trabalham sob os princípios da sustentabilidade social e ambiental, comercializando seus produtos agroecológicos em diversos centros urbanos do Agreste paraibano, contudo, o município possui uma produção agrícola majoritariamente baseada nas práticas agrícolas convencionais, com o uso de produtos químicos para acelerar a produção da agricultura.

A agricultura agroecológica tem seu potencial agrícola no município apesar de proporcionalmente menor, é significativamente importante, alterando aspectos da saúde, do bem estar social, e da renda das famílias camponesas envolvidas com a prática agrícola. Essas práticas observadas no Sítio Ribeiro integram uma agricultura com dimensões culturais, políticas e ambientais.

Neste sentido, a produção agroecológica busca a justiça social para o homem do campo, fortalecendo os laços de identidade com o seu lugar de origem, o campo. Dessa forma, a partir do princípio de igualdade social busca-se a valorização do trabalho familiar como forma de sobrevivência, criando alternativas capazes de garantir maior renda a essas famílias, tendo em vista que “as inovações tecnológicas não se tornaram disponíveis aos agricultores pequenos ou pobres em recursos em termos favoráveis, nem se adequaram as suas condições socioeconômicas”. (ALTIERI, 2004, p.20).

De acordo com Altieri (2012, p.23), “Essa intervenção se dá na forma de insumos agroquímicos que, embora elevem a produtividade, acarretam vários custos ambientais e sociais indesejáveis”. Isso vem acarretando altos custos ambientais, como a perda da fertilidade do solo, a perda da biodiversidade, além do risco da perda da produção, com pragas que venham a disseminar por toda a produção agrícola.

A partir de 1960 quando há início a Revolução Verde, várias propriedades agrícolas familiares e de exportações inseriram em suas culturas os derivados químicos para o aumento de suas produções agrícolas. No Sítio Ribeiro os camponeses utilizavam em suas plantações produtos derivados de agrotóxicos para aumentar suas produções. O Estado na época facilitou a entrada desses produtos, os agricultores adotaram essas ideias e adquiriram insumos para a produção. No relato a seguir, o camponês ressalta a questão da nocividade dos agrotóxicos ao meio ambiente:

Eu descobri que tava prejudicando a natureza, quando eu disse na minha palestra que o brasileiro só fecha as portas quando é roubado, que o negócio tava indo de água abaixo, as águas tava ficando salobra, os pássaros estavam morrendo, os cururus secando, porque eu não dou um cururu por um pacote de veneno nenhum do mundo, porque eu os vejo comendo as largatas, os cururus ele a noite faz o trabalho dele, a limpa. Ele é nocivo ao homem ele é um ser preservado, a gente deve preservar os micro-organismos os mangangás, os embolabosta que fecunda a terra, e quando se usava o veneno aqui não tinha nenhum besourinho desses, porque o veneno elimina deixa a terra isolada fugitiva, o veneno faz com que o passarinho não venha pousar onde ele usa o veneno. (Camponês do Ribeiro: 11/06/2013).

O camponês sofreu os malefícios do uso de agrotóxicos em sua propriedade com a destruição da fauna e flora local. Percebemos que a pequena produção agrícola familiar foi bombardeada nas últimas décadas por tecnologias de produção, e tecnificação do campo. Com a Agroecologia, ao contrário, nota-se, a valorização do ambiente com preocupação do camponês em manter todos os micro-organismos vivos em sua produção, ocasionando um processo de limpeza biológica sem o uso de agrotóxico e com valorização do ambiente, favorecendo uma alta produção.

Os agricultores orgânicos baseiam-se fortemente do uso de rotações de culturas, biomassa, esterco animal, leguminosas, adubos verdes, resíduos orgânicos de fora da propriedade, cultivo mecânico, rochas minerais e de controle biológico de pragas para manter a boa estrutura e propriedade do solo, para fornecer nutrientes para as plantas e para controlar as pragas, plantas espontâneas e doenças. A maioria dos pequenos e médios agricultores orgânicos mantem rotações com base em leguminosas, uso de composto e uma série de sistemas de cultivos diversificados, tais como

plantas de cobertura ou plantio em faixas, incluindo as combinações lavoura-pecuária. (ALTIERI, 2012.p.60)

O sistema de rotações de culturas é adotado pelos camponeses que praticam a Agroecologia, havendo uma relação de proximidade com a terra, com a família participando do processo produtivo, consideram a terra como uma mãe, que oferece tudo aos filhos, portanto deve ser bem cuidada. As práticas consorciadas são alternativas para uma maior quantidade e qualidade que permeiam a produção agroecológica camponesa. De acordo com Altieri, (2012.p.32):

O consorciamento de distintas espécies ajuda a criar habitats para os inimigos naturais das pragas, bem como hospedeiros alternativos para as mesmas. Um cultivo pode ser utilizado como hospedeiro diversivo, protegendo de riscos outros cultivos mais suscetíveis ou mais valorizados economicamente. A grande diversidade de espécies desenvolvendo-se simultaneamente em policultivos, ajuda na prevenção de pragas evitando sua proliferação entre indivíduos da mesma espécie, que ali se encontram relativamente isolada uns dos outros.

As conquistas camponesas no sítio Ribeiro passam de uma década com vários desafios e conquistas territoriais tanto na área rural como na urbana. Os camponeses do Sítio Ribeiro que trabalham nos moldes da Agroecologia há mais de uma década estão organizados politicamente através de associações e sindicatos que apoiam suas causas e valorizam suas produções agrícolas espalhadas nas diversas feiras nas cidades do Agreste Paraibano. Para as conquistas de seu espaço nas feiras os camponeses se conscientizaram da importância de não usar produtos agrotóxicos, como relata o camponês a seguir:

O mais importante da vida é ter vergonha e não usar veneno, porque se for por mim à fábrica Bayer, que é uma fábrica que é do exterior, se essa fabrica Bayer fosse arrumar um dinheiro que fosse pela família dos Inácio, ia morrer de fome, ia fechar as portas porque aqui a gente acordamos pra não usar mais veneno. (Camponês do Sítio Ribeiro: 11/06/2013).

Existe no Sítio Ribeiro um total de 67 (sessenta e sete) famílias, mas apenas um total de 10 (dez) famílias produzem de forma agroecológica em lotes de terras que variam de dois a quinze hectares de terras. O Sítio Ribeiro recebe esse nome devido à existência de rios e nascentes existentes nas propriedades desses agricultores. Eles descobriram nestas técnicas uma produção mais rentável economicamente e que não agride o meio ambiente. Após anos nas práticas agrícolas convencionais os camponeses se reorganizam para se adequar as novas práticas agrícolas territoriais na região.

A compreensão de territorialidades no Ribeiro e no Agreste é dada pelas lutas camponesas através das organizações sociais. O território é, portanto uma relação de poder adquirida por todos os feirantes das diversas Feiras Agroecológicas. De acordo com Souza (1995, p.79) “o território é essencialmente um instrumento de exercício de poder”, essas relações são cotidianas e ocorridas no local onde são comercializados suas produções em uma formação territorial contínua. As territorialidades consistem na conquista de espaços urbanos para a comercialização da produção agrícola camponesa.

As relações de poder manifestam-se com a permanência semanal dos camponeses nas feiras agroecológicas, mantendo uma relação de afetividade e confiança com seus consumidores.

1.2 Campesinato e organizações camponesas no Sítio Ribeiro

A questão camponesa no Brasil está atrelada ao período colonial e aos movimentos sociais no campo e a movimentos políticos. Segundo Martins(1986.p.26) “a história do Brasil é a história das suas classes dominantes, e uma historia de senhores e generais, não é uma história de trabalhadores e de rebeldes”. Onde diversas manifestações foram esquecidas por intelectuais. As lutas camponesas no Brasil tomam impulso a partir de 1950 com a introdução deste termo trazidos por movimentos de esquerda e pelo Partido Comunista. O camponês no Brasil ficou conhecido por várias denominações:

Famoso torna-se o caipira, palavra provavelmente de origem indígena, usada para designar o camponês das regiões de São Paulo, Minas Gerais, de Goiás, do Paraná, do Mato Grosso do Sul. No litoral Paulista, esse mesmo trabalhador é denominado de caçara. No Nordeste do país, chamam-no de tabaréu. Noutras partes é conhecida como caboclo, palavra muito difundida que quer dizer diferentes coisas em diferentes épocas e em diferentes lugares: em São Paulo no século XVII era designação depreciativa pela qual se nomeavam os mestiços de índios e brancos; no Norte e no Centro-Oeste do país é palavra empregada para distinguir o pagão do cristão, sendo nome que se dá ao índio, mesmo em contato com o branco; em varias regiões é palavra que designa o homem do campo , o trabalhador.(MARTINS, 1986.p.21/22)

A forma como se constituiu as denominações camponesas se deu em torno da depreciação do homem do campo em relação aos da cidade e por causa de seu baixo poder aquisitivo. Martins (1986) afirma que por isso, foram denominados de rústicos, atrasados ou, então ingênuos, inacessíveis, em um tom de depreciação do homem do campo. Na verdade

faltava-lhes o acesso aos direitos e deveres, sobretudo no acesso a terra, mas, várias conquistas aconteceram com lutas camponesas pelo país.

Neste sentido, a agricultura camponesa há tempos é motivo de luta para a permanência do camponês na terra, esta por sua vez é responsável pelo sustento de cada núcleo familiar, através da produção e comercialização dos excedentes cultivados. As resistências dos camponeses durante séculos de batalhas entre os latifundiários pauta-se no princípio da apropriação legal da terra para produção familiar e conseqüentemente pela sobrevivência de suas gerações, além de uma melhor qualidade de vida e permanência na área rural, apesar das heranças coloniais que concentravam extensões de terras em mãos de latifundiários.

A concentração de terras teve origem no Brasil através das capitânicas hereditárias, onde partes das terras eram doadas aos colonos em troca de um lucro posterior a metrópole portuguesa. O sistema sesmarial perpetua a estrutura concentrada da terra e a Lei de Terras de 1850 exclui a população pobre do acesso a terra. Nesse contexto, os camponeses vão perdendo o direito a propriedade e a grande concentração de terras e riquezas se espalham no país aumentando ainda mais a situação de pobreza de grande parte da população rural, decorrendo desta forma o assalariamento do pequeno trabalhador. Ocorre a proletarização do camponês.

Para Oliveira (2007) o modo capitalista de produção implantar-se-ia de forma plena na agricultura, tal qual se implantou na indústria. Contudo, as relações não capitalistas de produção permanecem dialeticamente ligadas ao avanço do capitalismo, recriando dessa maneira as formas de sobrevivência e trabalho camponês, explicitadas nas localidades estudadas.

A origem do campesinato remonta ao narodnismo russo que “surgiu, na perspectiva da teoria social agrária, como consequência do debate intelectual e político gerado na Europa no século XIX sobre a vigência das instituições encarregadas do manejo autônomo dos recursos naturais”. (GUZMÁN; MOLINA, 2005, p.20). Essa teoria ia de encontro aos ideais capitalistas que se concentravam no ocidente europeu.

No que diz respeito à questão camponesa no Brasil, a inicialização dos movimentos sociais no campo brasileiro inicia-se na década de 1940/1950 com a ideologia comunista pelo PCB (Partido Comunista do Brasil). De acordo com Stédile (2006.p.21) “com o fim da era Vargas há uma propícia mobilização das massas camponesas em diversas unidades federativas do país apesar da repressão dos latifundiários”. O autor ressalta que as únicas

instituições legalizadas pelo Estado eram os sindicatos rurais através dos trabalhadores assalariados e os camponeses ficaram a margem.

Nesse caminho operavam os ativistas do Partido Comunista, realizando, entre 1945 e 1947, uma grande e organizada mobilização de trabalhadores agrícolas em quase todos os brasileiros. Fundaram-se então centenas de Ligas Camponesas, que reuniam milhares e milhares de pessoas. (STEDILE, 2006,p.22).

As Ligas camponesas começam a agir constitucionalmente, originando-se no Nordeste brasileiro se espalhando por todo o país, onde lutavam principalmente pela Reforma Agrária. Com isso “muitos camponeses foram assassinados, presos ou perseguidos”. (STÉDILE, 2006, p.23).

As Ligas camponesas se espalharam por todo o país. No estado paraibano existiam várias Ligas, “as mais poderosas Ligas situavam-se na Paraíba: Sapé, com 12 mil associados, e Mamanguape com 10 mil” (STÉDILE, 2006. P.66). Percebemos a importância social das Ligas paraibanas que incomodavam a elite agrária na época, mas que trouxeram benefícios para uma população carente de justiça social.

As lutas camponesas iniciadas pelas Ligas foram barradas pelo Golpe Militar de 1964 e só na década de 1980, com a abertura democrática, os movimentos sociais do campo levantaram novamente as bandeiras com as reivindicações históricas dessa luta, que atualmente encontra na Agroecologia uma possibilidade de luta e resistência camponesa pela terra.

A Agroecologia existente no Sítio Ribeiro é praticamente realizada por uma só família, a família dos Inácio, dos dez camponeses que produzem orgânicos apenas duas famílias não pertence a família dos Inácio. Isso fica explícito nos dizeres de seu Inácio Lima de Oliveira, quando diz que sua família é: “*Toda da agricultura e tudo vive aqui no Ribeiro, Toda família dos Inácio vive aqui no Ribeiro*” (Camponês do Ribeiro: 11/06/2013), há mais de 50 anos se instalaram na região que ainda hoje habitam. A origem da família é do cariri paraibano, “Meus pais vieram para aqui em 1943, veio de Nazaré de Pocinhos”.

Essa terra aqui foi meus pais que comprou essa terra aqui em 1960, agora nos viemos pro sitio aqui chamado de João Soares aqui no Ribeiro de um cunhado meu nos chegamos em um sitio em de baixo onde mora Ernades,onde morava um irmão meu ,que era de herdeiros ,ai ficamos lá em 1956 eu com oito anos de idade aí a gente foi e em 1960 pai comprou esse sitio aqui a Joquinha ,um senhor la de Esperança que tinha essa terra aqui e um morador que morava aqui chamado Joaquim pequeno e ele acha que o sitio não tava dando produção,aí achou de vender a meu pai por 660

cruzeiros naquele tempo aí meu pai comprou o sitio em 1960 e nós viemos pra aqui, faz 53 anos que eu moro aqui, eu cheguei com doze anos de idade aqui que eu sou de quarenta e oito pra sessenta, cheguei com doze anos nesse terreno nessa propriedade. (Camponês do Sitio Ribeiro: 11/06/2013).

A terra usada para trabalhar foi conquistada através do trabalho dos antepassados e hoje pertence aos herdeiros desses primeiros habitantes. Desta forma, percebemos uma questão de pertencimento desses camponeses em sua localidade. Os pais de Seu Inácio nunca chegaram a utilizar insumos externos, como os pacotes tecnológicos, na propriedade, usavam sempre os recursos existentes na propriedade.

Essas modernas tecnologias só vieram favorecer os grandes proprietários de terras e as empresas produtoras de insumos ou produtos para uma maior produção agrícola, fato que favorece a produção capitalista em larga escala. Ressalta-se que todos esses investimentos não foram suficientes para manter estável a economia rural, nem garantir a produção com responsabilidade e sustentabilidade. Esses fatos foram todos legalizados pelo Estado, por consequente pressão das grandes empresas de agrotóxicos e insumos. As modernas tecnologias aplicadas na agricultura não foram capazes de amenizar a falta de alimentos na mesa de grande parte da sociedade em todo o mundo, principalmente nos países mais pobres economicamente.

O uso de agrotóxicos nas lavouras tomam impulso a partir de 1950. De acordo com Lima (2008, p.98) na Paraíba esse processo se acentua a partir de 1970, respaldado por organismos internacionais e com apoio do próprio Estado, através dos pacotes tecnológicos e da assistência técnica.

Na década de 1980, a crise fiscal gerou grandes impactos econômicos na redução do papel do Estado, favorecendo uma política neoliberal. Enquanto a agricultura dos países desenvolvidos contou com volumes crescentes de recursos públicos, nos países pobres a crise econômica desarticulou as políticas setoriais existentes, forçando-a aos ajustamentos com grandes custos sociais. (CLEPS JUNIOR, 2010, p.39).

A introdução de agrotóxico foi incentivada pelo estado através de entidades como a EMATER-PB (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) que intensificou o uso dessas práticas. No relato a seguir vejamos a ação do estado para intensificar os insumos:

Olha, o Agrotóxico veio há muitos anos no plano do governo que eu não falha a lembrança no governo de João Figueiredo, e veio um pacote de veneno para quem tirasse quem fizesse algum empréstimo no banco vinha o veneno, o pacote completo pra gente usar nas terras e a EMATER naquela

época em 1974. A EMATER vinha muito bem por aqui em nossa região e por sinal eu convivi, trabalhando na EMATER por sinal fui até monitor, multiplicador, eu trabalhava com prática adquirida e eu mostrava naquela época em 1974,1975. Nós trabalhava naquela época sem usar aqueles adubos químicos e eles diziam vamos usar isso aqui porque isso aí já tá muito fraco improdutivo e vamos usar isso aqui pra ficar melhor a terra vai produzir mais e eu dizia pois é doutor Jose Roberto, era doutor José Roberto, nesse tempo extencionista aqui em Alagoa Nova. Na EMATER e nós trabalhava em conjunto, levando informação para os agricultor, quando eu trabalhava aí eu achou de eu trabalhar com ele como monitor recebi o treinamento lá nos Marista em Lagoa Seca, em 1978 e fiquei como monitor multiplicador e eu fazia umas práticas pra eles, agora eles faziam umas práticas boas, com contorno curva de nível, mas nesse passo aqui nós já não usava queimadas, aqui nós não usava meu pai usava os restos culturais pra colocar nos lerão e a terra produzir sem estrume, aí essa nova governacionalização que veio do sulfato de Amônio, cloreto de potássio, pra colocar nas bananeiras aí eu tive que engolir isso de goela abaixo, mas descobri no decorrer de quatro a cinco anos que a água tava ficando salobra, os meus filhos era um danado dum Ditano, Tomaron, folidon, matando os besouros, os sapos era tudo morrendo, e a minha esposa descobriu que a água estava ficando ensalobrada, aí tava colocando sabão, foi quando descobri que era o sulfato de amônio que tava contaminando o lençol freático.(Camponês do Sítio Ribeiro.11/06/2013).

Um dos maiores produtores de hortaliças do Ribeiro ressalta que os camponeses foram induzidos pelo estado a inserir os mais variados tipos de agrotóxico em suas produções, contudo, as inovações tecnológicas não se tornaram disponíveis aos pequenos agricultores. Os insumos adquiridos pelos camponeses foram usados na maioria das vezes sem a adequação necessária, muitas vezes sem o uso de proteções e equipamentos, causando doenças nos camponeses expostos a esses produtos. Além disso, a biodiversidade da fauna e flora diminuiria.

A adaptação a práticas sustentáveis ocorre a partir do momento em que uma minoria de agricultores se vê prejudicadas pelo uso de agrotóxicos que afeta o meio ambiente e a saúde humana, enfatizado no relato a seguir:

No tempo dos nossos pais quando era garoto, dez onze anos eu via meu pai nunca usar veneno, porque eu ia usar veneno nas terras, aí foi que eu me acordei, aí deixei o veneno pra lá, hoje o meu sitio é umas das características mais bonitas que tem na região de Alagoa Nova. (Camponês do Sítio Ribeiro:11/06/2013)

Quando o proprietário nota que grande parte dos pássaros já não visitavam mais sua propriedade e que as águas de sua propriedade estavam ficando contaminadas, resolve optar pela Agroecologia, o que trouxe novamente a exuberância de sua produção e de seu sítio, além disso, influenciou positivamente a introdução das práticas agroecológicas aos seus

vizinhos camponeses. Isso ajuda a comprovar que a terra não precisa de agrotóxico para aumentar a produtividade.

1.3 Feiras Agroecológicas camponesas

As construções das Feiras Agroecológicas tornam os camponeses mais livres da submissão de atravessadores. Agricultores de diversos municípios da região organizaram-se através de sindicatos ou associações para se fortalecerem e se firmarem nesse novo processo de produção de produtos sustentáveis. No momento em que o agricultor opta por trabalhar com um produto de boa qualidade, ele produz com maior satisfação. Nesse sentido, há uma redescoberta de identidade com a terra. No relato de um camponês do Ribeiro, ele define bem o que significa a terra: “*a terra é uma mãe*”. (Camponês do Ribeiro-10/06/2013)

Na tentativa de resistir aos processos de expropriação do campo, bem como garantir a sobrevivência de suas famílias, camponeses da região do Agreste Paraibano passaram a buscar na agroecologia a garantia de uma vida digna. Por meio da produção agroecológica, o camponês assume sua identidade com a terra, passando a se preocupar com o meio ambiente. Com esse objetivo surge então a Ecoborborema.



Figura 01: Reunião da Ecoborborema em Lagoa Seca-PB

Foto: Severino J. Sobrinho 28/05/2012

Criada em 2004, essa associação é composta por camponeses provenientes dos municípios de Alagoa Nova, Lagoa Seca, Massaranduba, Solânea, Queimadas, Campina

Grande, Remígio, Solânea, Esperança, entre outras cidades. São em geral agricultores oriundos de assentamentos rurais e pequenas propriedades, sua sede funciona em Lagoa Seca.

Bom a gente começou aqui em 2002 pra 2003 o natal começou, o slogan foi o “Natal sem veneno” de 2002 pra 2003 né a gente conseguiu esse espaço através da Prefeitura, a prefeitura aqui a gente não paga nada né é totalmente gratuito o espaço aqui que ela nos cedeu, a gente tem uma contribuição dentro da Ecoborborema, dentro da própria organização das feiras do ponto de feira que a gente faz com os agricultores pra se manter. Bom, aqui a Ecoborborema ela foi fundada a partir de dois anos do ingresso da feira, a gente fundou a feira aqui, mas quem dava o suporte a gente era o pólo sindical a AS-PTA, aí a partir de dois anos a gente formou a associação. (Entrevista o presidente da Ecoborborema, Setembro de 2011)

Os agricultores de diversas cidades do Agreste começam a vender diretamente seus produtos livres de agrotóxicos, em feiras de Campina Grande e de outras cidades. Com isso os agricultores podem mudar a realidade em que vivem, Lima (2008) ressalta que:

A agroecologia contém uma perspectiva estrutural, que considera a percepção dos sujeitos sociais que intervêm nesses ambientes, onde através de um processo de discussão podem gerar informações qualitativas, com um sentido sociocultural proveniente das suas realidades. (LIMA, 2008, p.102).

Nesse contexto, a agroecologia assume um papel de fundamental importância para a sobrevivência das famílias camponesas, constituindo-se como um fator significativo para o desenvolvimento sócio-territorial. (CARVALHO, 2007) (SAQUET, 2010).

Surge de certa forma uma autonomia na venda final dos produtos, pois comercializam diretamente ao consumidor, sem intermédio de terceiros. Antes desta organização a venda dos produtos era feita através de atravessadores que compravam os produtos por preços muito abaixo do mercado, sujeitando de certa forma esses camponeses a um sistema de lucro que só beneficiava os atravessadores, que podiam colocar os preços da maneira que bem entendessem.

A agricultura familiar é responsável pela maior parte dos alimentos levada à mesa de cada brasileiro. Apesar da introdução de agrotóxicos por grandes empresas na área rural, vários produtores, descobriram na Agroecologia uma fonte de renda que resgata a dignidade social do camponês, com o respaldo de programas governamentais.

Os agricultores de diversos municípios da região organizam-se em forma de sindicatos ou associação para se fortalecerem e se firmarem nesse novo processo de produção e consumo de produtos sustentáveis. A maior parte desses agricultores descobriu os malefícios do agrotóxico a partir de suas próprias experiências pessoais, por isso dão mais

importância aos produtos orgânicos. A partir do momento em que o agricultor opta por trabalhar com um produto de boa qualidade, ele produz com maior satisfação. Nesse sentido, há uma redescoberta de identidade com a terra. O sítio Ribeiro concentra uma alta produtividade de produtos agroecológicos. Onde são comercializados nas cidades de Campina Grande, Esperança, além da própria sede do município, Alagoa Nova.

A Agroecologia é uma importante ferramenta para a construção de saberes entre cientistas e a comunidade seja ela do meio rural ou urbano. A relação entre homem e meio ambiente de forma harmônica se torna fundamental para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas ao fortalecimento de uma agricultura mais social para o homem do campo.

Na Agroecologia está implícita a compreensão de que a agricultura ecológica é um sistema que busca produzir sem impactos ambientais e sociais negativos, com maior sustentabilidade e menos riscos socioambientais (MARIANO NETO, 2006).

Altieri (2012) ressalta que o conceito de Agroecologia quer sistematizar todos os esforços em produzir um modelo tecnológico abrangente, que seja socialmente justo, economicamente viável e ecologicamente sustentável, um modelo que seja o embrião de um novo jeito de relacionamento com a natureza, onde se protege a vida toda, estabelecendo uma ética ecológica que implica no abandono de uma moral utilitarista e individualista e que postula a aceitação do princípio do destino universal dos bens da criação e a promoção da justiça e da solidariedade como valores indispensáveis. A rigor, pode-se dizer que agroecologia é a base científico-tecnológica para uma agricultura sustentável.

A produção agroecologia surge como uma alternativa viável desse tipo de agricultura que busca, sobretudo, a integração sociedade/natureza, objetivando uma soberania alimentar, bem como uma alimentação adequada, livre de insumos químicos e que beneficia o pequeno agricultor, o qual retira da terra sua subsistência e leva a mesa de muitos uma alternativa de alimentação saudável.

As Feiras Agroecológicas situadas nos centros urbanos são verdadeiras alternativas de valorização da produção camponesa, garantindo uma melhor qualidade de vida para os produtores e sua família que produzem suas frutas e hortaliças, como também para os moradores citadinos que virão a consumir suas produções agrícolas. No Agreste paraibano há cerca de oito Feiras Agroecológicas, que ocorrem nos municípios de Campina Grande, Alagoa Nova, Lagoa Seca, Massaranduba, Queimadas, Solânea, Esperança e Remígio, configurando-se como novas relações de poder nas cidades.

Estamos diante de fortes relações de poder impressas no território dos assentamentos rurais, onde as Feiras Agroecológicas podem se apresentar como um importante instrumento do campesinato para a conquista da autonomia e liberdade de produzir e comercializar a produção, sem estar necessariamente sujeito aos mecanismos de sujeição da renda da terra engendrados no capitalismo. (SANTOS, 2007.p.18)

A Agroecologia torna-se um sistema rentável para a agricultura familiar, com produção de boa qualidade nutricional e com respeito à natureza. Isso vem afirmar que os agricultores tradicionais que usam agrotóxicos, podem utilizar de técnicas da agricultura sustentável mantendo uma alta produtividade, proporcionando mais saúde a população consumidora.

A Agroecologia, como reação aos modelos agrícolas depredadores, se configura através de um novo campo de saberes práticos, para uma agricultura mais sustentável, orientada ao bem comum e ao equilíbrio ecológico do planeta, e como uma ferramenta para a autossustentância e a segurança alimentar das comunidades rurais. (LEFF, 2002.p.37).

A unidade apresentada na agricultura familiar agroecológica se molda no trabalho em conjunto para manter a produção agrícola, principal fonte abastecedora de renda. Neste sentido, os pais e os filhos estão na frente produtiva podendo haver dias pagos a outros camponeses para a manutenção da produção, seja ela para a alimentação, neste caso de subsistência ou com os excedentes comercializados em feiras livres.

As construções dessas organizações se fixam e se consolidam na região, em particular no Sítio Ribeiro de Alagoa Nova com uma produção bastante diversificada de frutas e hortaliças que são produzidas o ano inteiro. Cada lote de terras dos camponeses se configura um território de particularidades e autonomias próprias.

Todos os camponeses que trabalham de forma agroecológica participam das mais diversas feiras da região Agreste e tem as cidades de Esperança e Campina Grande como principais destinos finais de sua produção. As Feiras Agroecológicas dão um respaldo e um escoamento final às mercadorias dos agricultores, evitando dessa forma o êxodo rural e fomentando novas relações com a cidade:

Ocorre, pois, por parte dos frequentadores das feiras, o reconhecimento da função social do campesinato em meio à força do capital internacional, que tenta se fazer hegemônico, através das redes de supermercados e distribuidoras de alimentos. Estabelece-se, neste sentido, um processo de construção de uma nova consciência para o consumo, onde aquele que compra o alimento considera fundamental saber o que está por trás deste. (SANTOS, 2007.p.76)

As relações de proximidade com os consumidores das feiras são de cumplicidade e confiança, uma vez que os consumidores acreditam fielmente na palavra do camponês, e que em muitas ocasiões esses camponeses os convidam para passar um dia de campo para a real comprovação de sua produção orgânica. Relatos de camponeses nas entrevistas explicitam essas constatações e aumenta o número de feirantes: “Fizemos uma feira com uma base de quarenta companheiros, começamos com uma base de oito, dez, fomos fundadores, carregando barraca ali na avenida canal, ali em Campina Grande de frente a Caranguejo, onde era a antiga Caranguejo” (Camponês do Sítio Ribeiro-entrevista:10/06/2013).

A Feira da Estação Velha em Campina Grande é a principal feira da região, como também a de Esperança-PB, onde os camponeses do Ribeiro escoam a maioria de seus produtos. A feira da Estação Velha acontece toda quarta-feira e a de Esperança todos os sábados. Por concentrar uma maior densidade populacional, a cidade congrega vários camponeses de diferentes cidades do Agreste que vem expor e vender seu produto diretamente ao consumidor, aumentando dessa forma a renda familiar. Nos dizeres de seu Joaquim, camponês do Ribeiro, em sua fala ele mostra a importância da Feira Agroecológica:

É muito importante, é muito boa, depois dessa agroecológica melhorou tudo. Você sabe que a gente chega aí no sitio bota a mercadoria do sitio leva pra lá banana e tudo, o que tiver e vende no preço bom né e tem alguma coisa que vende menos quando o preço é mesmo, mas tem outro que é melhor, ajuda muito. (Camponês do Ribeiro: 11/06/2013)

As Feiras Agroecológicas são importantes, destaca-se a coletividade dos agricultores para a construção de uma identidade social arraigada nos saberes culturais próprios da localidade, independente das práticas culturais capitalistas externas. De certa forma uma autonomia que a cada dia se fortalece com políticas sociais dos próprios envolvidos e também de políticas públicas de fortalecimento da agricultura familiar.

1.4 Organizações e fortalecimento da agricultura camponesa

As construções de identidades territoriais camponesas são primordiais para a conquista agroecológica desses sujeitos sociais. Nessas construções estão incluídos todas as associações locais e regionais que participam e os sindicatos que eles estão associados, isso fortalece a produção agrícola e manifestações de apoio a uma agricultura que agrida o mínimo possível o ambiente e a saúde humana. Essas articulações são importantes para evitar a

monopolização pela agricultura capitalista, que tende, segundo Harvey (2005.p.48) “em uma transformação da agricultura de subsistência do camponês em agricultura empresarial”. Havendo uma dependência as grandes empresas capitalistas.

Na perspectiva agroecológica, os grupos sociais não são considerados necessariamente como agentes destruidores da natureza, pois a partir de seu manejo podem contribuir para o restabelecimento do equilíbrio e harmonia dos ecossistemas, tentando consorciar o seu desenvolvimento com a conservação da natureza. (LIMA, 2008, p.102).

A mobilização para o fortalecimento da agricultura de base agroecológica contou com o apoio da maioria dos agricultores do sítio Ribeiro que se uniram a essas entidades fortalecendo as Feiras Agroecológicas nas cidades do agreste paraibano. As ações dessas entidades buscam fortalecer a agricultura de subsistência de base camponesa e agroecológica.

Os camponeses mantêm uma parceria com a AS-PTA, este com sede na cidade de Esperança, com a assistência técnica eles escoam suas mercadorias até as Feiras Agroecológicas e para o banco de alimentos da CONAB⁷ (Companhia Nacional de Abastecimento), em Campina Grande cada associado possui uma planilha de produtos que pode oferecer a CONAB e com a quantidade que pode oferecer. Esse é financiado pelo PAA⁸ (Programa de Aquisição de Alimentos).

O Programa de Aquisição de Alimentos é um programa do Governo Federal que valoriza a produção agrícola dos camponeses. No sítio Ribeiro todos os trabalhadores pesquisados levam seus produtos para a CONAB. Por ser agroecológico eles recebem trinta por cento a mais do que os convencionais, como observamos na fala de um camponês do Ribeiro (05/06/2013): *“A renda melhorou um pouco tá bem melhor, tem umas despesas, mas da pra ir levando, tem o apoio do governo federal com o PAA que a gente bota as coisas nas escolas na creche em Campina. E a gente tem um diferencial porque eles pagam trinta por cento a mais do que o convencional”*.

⁷A Companhia Nacional de Abastecimento é uma empresa pública que gera e dissemina a informação e o conhecimento especialmente para o setor agrícola e de abastecimento, proporcionando fácil acesso aos agentes econômicos nacionais e internacionais com credibilidade, confiabilidade, presteza, agilidade, tempestividade, acessibilidade, continuidade, consistência e transparência. Companhia Nacional de Abastecimento. Custos de produção agrícola: a metodologia da Conab. --Brasília: Conab, 2010.60 p.: il. (<http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/0086a569bafb14cebf87bd111936e115.pdf>). Acesso: em 21/06/2013.

⁸O Programa de Aquisição de Alimentos - PAA, criado pelo art. 19 da Lei nº 10.696, de 02 de julho de 2003, no âmbito do Programa Fome Zero, possui duas finalidades básicas: promover o acesso à alimentação e incentivar a agricultura familiar. <http://www.mds.gov.br/segurancaalimentar/decom/paa>. Acesso em 21/06/2013.

Portando, as oportunidades equitativas de mercado também devem ser desenvolvidas, enfatizando o comércio justo e outros mecanismos que estabeleçam relações mais diretas entre agricultores e consumidores.[...] Isso irá gerar um impacto significativo sobre a segurança alimentar, a renda e o bem-estar ambiental da população de todo o mundo, especialmente para milhões de camponeses que continuam alijados da tecnologia agrícola convencional. (ALTIERI, 2012.p.158).

Todas as quartas feiras na Estação Velha em Campina Grande existe um responsável da CONAB para receber os alimentos de cada Camponês, onde os excedentes da feira são destinados a CONAB. Esses camponeses também estão ligados ao programa PAIS⁹ (Programa Agroecológico Integrado Sustentável) em parceria com o governo Federal para dar mais subsídio as suas produções agrícolas. Na fala do camponês Gilberto, ressalta que: *“Para entrar na feira tem que se manter na feira, pois tem gente que entra e logo sai”*. Na fala deste camponês percebemos que alguns camponeses não creditam todas as suas produções nas referidas feiras e muitas vezes saem desestruturando e desarticulando a estrutura organizacional das feiras e de suas referidas instituições representadas neste caso as associações. Muitas dessas entidades mantêm autonomias dos camponeses através de sementes locais. As sementes produzidas no Ribeiro são sementes selecionadas para serem plantadas ano a ano. Essas sementes ainda são poucas, comparadas às variedades produzidas e comercializadas nas Feiras Agroecológicas. Nas imagens a seguir há um banco de semente de um camponês:



Figuras 02 e 03: Camponês Ernandes e o seu banco de sementes

⁹(FERNANDES, 2011). O SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Grandes Empresas) desenvolveu a metodologia de Produção Agroecológica Integrada e Sustentável - PAIS e replicou-a para todo o Brasil. O referido projeto é considerado uma tecnologia social que reúne técnicas simples de produção agroecológica e de promoção do desenvolvimento sustentável. O PAIS é destinado, principalmente, a agricultores familiares de baixa renda, assentados em projetos de reforma agrária e produtores quilombolas. Disponível em: (<http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8195-avaliacao-do-potencial-de-cooperacao-entre-produtores-do-projeto-de-producao-agroecologica-integrada-e-sustentavel-pais-no-mato-grosso-do-sul.pdf>) Acesso em 21/06/2013.

Fonte: Severino J. Sobrinho-10/06/2013

Essas sementes são chamadas aqui na Paraíba de sementes da paixão ou sementes crioulas de acordo com o presidente do sindicato dos trabalhadores rurais de Alagoa Nova - PB. A riqueza genética dessas sementes é importante para o manejo sustentável das espécies.

O camponês Ernandes armazena os diversos tipos de sementes de feijão em garrafas pet. Partes das sementes são consumidas pela família, outra parte é vendida nas feiras livres, ainda tem uma pequena quantidade que é guardada para ser usada no plantio da lavoura. Para conservar as sementes ele coloca pimenta nas tampas das garrafas para afastar predadores.

Existem poucas sementes produzidas pelos camponeses no Ribeiro: feijão, milho, fava, guandu e frutíferas. No que se refere às hortaliças não há um banco de sementes entre os agricultores, nem tampouco nas instituições que os apóiam como a Ecoborborema e a AS-PTA. Segundo Ernandes: *“Às vezes eu compro minha semente de coentro, mas o resto eu produzo espinafre eu produzo ,o milho ,o feijão, a fava.* Os camponeses estão sujeitos ao mercado externo para produzir boa parte de suas produções com sementes que podem ser transgênicas.

Sementes, a gente tem essa dificuldade pra produzir as sementes a maioria é comprada nas lojas que vende, a gente produz muito pouco aqui de coentro, alface ninguém produz que é difícil. Tem que comprar a semente. O coentro dar é a única que dar porque outras essas hortaliças é difícil demais de produzir visse e o alface americano é caro a semente e é difícil de produzir só eles lá é que tem as tecnologias pra elas germinar porque aqui as sementes elas não nasce não visse. Sementes de hortaliças não têm, têm de feijão essas coisas mais isso aí não. (Camponês do Sítio Ribeiro: 11/06/2013)

A dependência de sementes para a produção de hortaliças fica clara neste relato e comprova que existe a dependência de sementes, que por sua vez são adquiridas nos centros urbanos principalmente em lojas de produtos agrícolas nas cidades de Lagoa Seca e Campina Grande. Neste sentido as novas tecnologias agrícolas fazem com que as sementes não se reproduzem, o que torna o camponês dependente desses insumos transgênicos.

CAPÍTULO II

A agricultura convencional no modo capitalista de produção: uma análise da empresa rural Hortaliças Sempre Verde

Sem dúvida alguma que os hábitos de consumo familiar e os hábitos de trabalho são largamente influenciados pela ideologia dominante a qual, afirmando os valores da sociedade capitalista neoliberal, tem na inovação constante e no consumismo alguns dos seus referenciais necessários para garantirem a taxa média de lucro das empresas capitalistas, considerando-se, ademais, que a exploração do trabalho, seja o assalariado seja a dos camponeses, é uma constante da reprodução do capital. (CARVALHO, 2007.p.1)

2.1 A Empresa rural Hortaliças Sempre Verde e sua dinâmica espacial

Este segundo capítulo abordará as relações produtivas e comerciais da empresa Hortaliças Sempre Verde localizada na zona rural do município de Alagoa Nova-PB, produtora de hortaliças. A empresa produz hortaliças há mais de dez anos se firmando no mercado fornecendo seus produtos às redes de supermercados atacadistas e de restaurantes.

Relacionaremos as questões capitalistas da empresa e sua relação com os seus trabalhadores assalariados e não assalariados, como também exploração da força de trabalho e de dependência financeira. A maioria dos trabalhadores não possuem terras para a conquista de sua autonomia produtiva.

Abordaremos a questão do uso de agrotóxicos, fertilizantes e adubos para a produção, como também as sementes adquiridas. Abordaremos a pouca escolaridade que pode favorecer as explorações da força de trabalho, e a agricultura comercializada a serviço das grandes empresas atacadistas de alimentos e sua dinâmica espacial.

A empresa rural de hortifrutigranjeiros localiza-se nos arredores do distrito de São Tomé, surge no ano 2003 com a oferta de produtos para as redes de supermercados Hiper Bom Preço em Campina Grande, em seguida amplia sua produção para atender outras redes atacadistas da capital paraibana, João Pessoa, e da capital do Rio Grande do Norte, Natal, como também a restaurantes.

O senhor Francinildo Pimentel da Silva, dono da empresa, há cerca de dez anos comercializa seus produtos nos grandes centros urbanos, aos supermercados e restaurantes das cidades de Campina Grande, João Pessoa e Natal. Sua propriedade caracteriza-se nos moldes da agricultura capitalista, contendo mais de sessenta funcionários trabalhando diariamente.

O proprietário desde menino já trabalhava nesse ramo da agricultura de folhagens e frutas. A propriedade é composta por 65 hectares de terras, sendo 30 hectares utilizados atualmente na produção das hortaliças, e o restante da propriedade está sendo preparada para uma maior produção de folhagens futuramente. A única fruta que é produzida e comercializada é o limão.



Figura 04: Vista da sede da empresa Hortaliças Sempre Verde
Fonte: Severino J. Sobrinho

Os agricultores que trabalham na empresa rural “Hortaliças Sempre Verde”, totalizam um quantitativo de mais de sessenta funcionários. Trabalham em várias etapas do processo de produção, desde o preparo do solo, adubagem e cultivo das hortaliças, passando pela colheita, até as embalagens e no carregamento e transporte das hortaliças para os centros urbanos da região. Percebe-se as relações capitalistas de produção a partir do assalariamento, onde a maior parte dos trabalhadores envolvidos com o processo agrícola fica subordinada aos interesses do proprietário da terra. Boa parte dos empregados não chega a receber a metade do salário mínimo.

É certo que esse circuito nada tem de harmônico, posto que donos dos meios de produção e proprietários da força de trabalho disputam permanentemente as frações da riqueza daí oriundas. Não obstante, tenderam á desvantagem os últimos, visto que a mercadoria que possuem a força de trabalho tem oferta em progressiva expansão, por força do aumento da produtividade, o que dá aos primeiros a possibilidade de pagar baixos salários, logo, de ampliar a margem de mais-valia a ser auferida no processo produtivo. (PAULINO, 2010.p.71)

Isso favorece o lucro das redes atacadistas, através dos supermercados e restaurantes atendidos. Essa parceria com as redes atacadistas começou segundo relatos do próprio Francinildo com a ida dele aos supermercados e restaurantes, oferecendo seus produtos, atualmente a renda mensal, do proprietário gira em torno de 100 a 150 mil reais.

2.2 Relações capitalistas de produção e agricultura

O trabalhador rural está sujeito a vender sua força de trabalho, quando não dispõe de meios para obter a terra, em muitos casos mantém uma relação capitalista com o empregador através da venda de seu trabalho. Relações estas que funcionam no sítio São Tomé, vendendo sua força de trabalho de segunda a sábado, mantendo um vínculo apenas na questão do assalariamento.

Grande parte dos funcionários da empresa, não possui o título de posse de terra, o que fica explícito a sujeição ao sistema capitalista atuante na referida empresa rural. A esse respeito Oliveira (2007, p.36) afirma que “Esse processo, chamado pela ideologia capitalista de liberdade, assenta no processo de expropriação dos meios de produção dos trabalhadores”. Não existindo um tempo hábil para o trabalhador produzir e subsidiar o sustento familiar com renda própria esta é conquistada na exploração de seu trabalho pago.

Assim, os trabalhadores devem estar no mercado livres dos meios de produção, mas proprietários de sua força de trabalho, para vendê-la ao capitalista; este sim, proprietário dos meios de produção. É por isso que a relação social capitalista é uma relação baseada na liberdade e na igualdade, pois somente pessoas livres e iguais podem realizar um contrato. Um contrato de compra e venda da força de trabalho. O capitalismo transformou a desigualdade econômica das classes sociais em igualdade jurídica de todas as pessoas da sociedade. Só pessoas jurídicas iguais podem assinar contratos. Só pessoas jurídicas iguais podem romper esse contrato quando quiserem. (OLIVEIRA, 2007.p.36)

Há uma relação de submissão ao modelo capitalista na empresa “Hortaliças Sempre Verde”, submissão que ocorre diariamente na venda da força do trabalhador. A esse respeito Harvey, ressalta que:

O modo capitalista de produção fomenta a produção de formas baratas e rápidas de comunicação e transporte, para que “o produto direto possa ser realizado em mercados distantes e em grandes quantidades”, ao mesmo tempo em que novas “esferas de realização do trabalho, impulsionadas pelo capital” podem se abrir. Portanto, a redução dos custos de realização e circulação ajuda a criar espaço novo para acumulação de capital. Reciprocamente acumulação de capital se destina a ser geograficamente expansível, e faz isso pela progressiva redução do custo de comunicação e transporte. (HARVEY, 2005.p.50)

Neste sentido, o papel do Estado faz-se fundamental para o cumprimento desses acessos e facilitações através da implantação de infra-estrutura, como meios de transportes,

rodovias e outras malhas viárias que facilitarão a expansão do modo capitalista de produção. O que pode vir a gerar mão de obra, com instalações de outras formas de produção capitalistas nos centros urbanos, como as indústrias, favorecendo a expansão e acumulação do capital:

Por meio disso, eles realizam um controle de longe alcance sobre a produção e o marketing, para estabilizar o meio empresarial, permitindo o cálculo racional e o planejamento a longo prazo, a redução do risco e da incerteza e, de modo mais geral, a garantia de uma vida relativamente pacífica e tranquila para si mesmos. (HARVEY, 2005.p.224)

A acumulação do capital é uma das ferramentas do capitalismo. Através dos questionários aplicados constata-se que parte dos funcionários possui filiação a sindicatos ou associações que lhes dão respaldo legal. Contudo, a maioria dos trinta e três trabalhadores questionados não possui título de terra. O quadro a seguir demonstra o perfil dos trabalhadores da empresa:

Perfil de 33 trabalhadores assalariados na empresa Hortaliças Sempre Verde					
Proprietário de terra	Quant	%	Não possui terra	Quant	%
	1	0,33		32	10,56
Sócio de associação comunitária ou sindicato	20	6,6	Não associados em sindicatos/associações	13	4,59
Recebe assistência da empresa	2	0,66	Não recebe assistência da empresa	31	10,23
Tempo para trabalhar para si	2	0,66	Não tem tempo pra trabalhar para si	31	10,23
Renda de um salário mínimo	20	6,6	Renda menor que um salário mínimo	13	10,23

Quadro: Perfil dos trabalhadores da Hortaliças Sempre Verde

Fonte: Questionários aplicados aos trabalhadores do Sítio São Tomé

Percebemos que dos trinta e três trabalhadores pesquisados apenas uma pessoa tem título de terra e os outros trinta e dois não possui. Questionados sobre algum tipo de assistência da empresa a maioria, trinta e um, não recebe auxílio ou assistência da empresa a que presta serviço, seja ela trabalhista de saúde ou educação, já os dois trabalhadores que relataram que recebem assistência isso apenas no caso de alguma justificativa legal. No item associações comunitárias ou de sindicatos rurais, vinte dos questionados são associados. Isso vem demonstrar que as organizações sociais rurais ainda são muito influentes no cotidiano do homem do campo, essas organizações dão respaldo legal e direito trabalhista e previdenciário aos assalariados da empresa.

Apenas dois trabalhadores conseguem ter tempo para trabalhar para si próprios, mas, só quando faltam no trabalho ou nos finais de semana. Apenas vinte trabalhadores recebem um salário mínimo, os restantes não recebem um terço do salário mínimo. Esses fatores corroboram para fortalecer as práticas da agricultura capitalista acumulativa.

Em relação à mais-valia da propriedade privada, Oliveira (2007. P.36) afirma que “Portanto, essa relação de compra e venda contém o ato implícito de que um trabalha (vende a força de trabalho) e o outro compra e paga, através do salário, essa força de trabalho”. Havendo apenas relações comerciais com os empregados.

Assim, para continuar garantido sua existência, sua expansão, e o processo contínuo de acumulação, o capital necessita, contraditoriamente, de relações não capitalistas de produção. Embora a tendência seja a de substituição da economia mercantil simples pela economia capitalista, para que o processo de acumulação primitiva continue se dando a recriação da burguesia, essa substituição nem sempre ocorrerá. Em outras palavras, para continuar garantindo a acumulação primitiva a (re)criação da burguesia, é necessário continuar a garantir a existência de relações não capitalistas de produção, o que explicaria a permanência e a (re)criação camponesa no seio do capitalismo. (FABRINI, 2010.p.24)

A empresa gera uma fonte de renda local, mas limita a concentração dos lucros nas mãos do proprietário. As imagens a seguir mostram os trabalhadores no cultivo das folhagens:



Figura 05: Trabalhador adubando os canteiros de hortaliças.
Fonte: Severino J. Sobrinho:(27/01/2012 e 25/06/2013)

As modernas tecnologias agrícolas estão presentes na empresa, voltadas para uma maior produtividade no campo. Após a Segunda Guerra Mundial, o campo se tornou mais

tecnificado e as nações mais desenvolvidas encabeçadas pelos Estados Unidos, aderiram à chamada Revolução Verde, que tinha o objetivo de incluir na agricultura produtos químicos para aumentar a produtividade no campo, isso diminuiu as práticas culturais dos camponeses.

Diante dessa imposição e invasão cultural, as culturas locais reagiram de diferentes maneiras, ainda que, em geral, a estrutura de poder estabelecida neste processo e guiada pela lógica do lucro e do mercado tenha causado a submissão (primeiro formalmente e, mais tarde, em muitos casos, de forma real) dos elementos especificamente locais relacionados aos recursos naturais de cada etnoecossistema, a esta outra lógica. (GUZMÁN, 2001.p.36)

Esse modelo se espalhou por todas as partes do planeta, reestruturando as relações produtivas nas áreas rurais. Na Paraíba, os efeitos desse processo se deram de forma mais significativa a partir da década de 1970, acentuando as desigualdades sociais de áreas já acometidas pela pobreza. Essa imposição cultural oriunda da Revolução Industrial afetou e continua afetando o local e ainda permanece efetivamente na atualidade.

A agricultura convencional praticada na propriedade é enriquecida com fertilizantes químicos aumentando sua produtividade. Além de esterco de gado adquirido na propriedade, compra-se também fora da propriedade em outro município, Boqueirão-PB. Vários caminhões de esterco de gado são utilizados por semana na adubação das folhagens e hortaliças. *“Por semana em média eu compro umas cinco carradas de esterco e vem de Boqueirão, mas, eu uso o esterco do meu gado também”*. (Relato de Fancinildo: 29/06/2013). Este fato ocasiona mais custos do que se fosse produzido na localidade ou nas proximidades da empresa. As imagens abaixo mostram o adubo adquirido pela empresa.



Figuras 06 e 07: Adubo utilizado nas hortaliças
Fonte: (Severino J. Sobrinho - 27/01/2012 e 25/06/2013)

O dono da empresa ressalta que usa agrotóxicos na sua produção, além do adubo para enriquecer com nutrientes a terra para plantio, usa também fertilizantes químicos: “*Na convencional usa, o que é liberado é que eu uso o que é registrado, uso o Celleron¹⁰, estou usando olho de ninho que é orgânico, e Guirlon*” (Relato do dono da empresa: 29/06/2013). Referindo-se aos fertilizantes químicos Altieri (2012.p.34) ressalta que:

A principal razão pela qual os fertilizantes químicos poluem o meio ambiente está ligada ao desperdício na aplicação e ao fato de que as culturas os absorvem de forma ineficiente. O fertilizante que não é aproveitado pela cultura acaba no ambiente, principalmente nas águas superficiais ou subterrâneas. (ALTIERI, 2012.p.34)

Isto é resultado da agricultura construída por grande maioria dos empresários do ramo agrícola que tiveram respaldo do Estado há décadas passadas e que permanece difundido atualmente. A esse respeito Altieri (2012.p.23) destaca que a intervenção humana na natureza “se dá na forma de insumos agroquímicos que, embora elevem a produtividade, acarretam vários custos ambientais e sociais indesejáveis”. Esses custos indesejáveis na maioria são causados pelo uso de produtos químicos e pelo contato direto com a pele humana. Nas figuras a seguir podemos constatar o uso de agrotóxicos na produção e embalagem de sementes transgênicas para o plantio:

⁶ O **CELLERON** é um produto de aplicação foliar com alta concentração de fósforo e nitrogênio. É uma mistura harmônica de íons, feita de um composto inorgânico estabilizado a um pH de 1,65. O objetivo direto de **CELLERON** é fornecer fósforo inorgânico como um precursor na produção de compostos de alta energia cinética (ATP) pela planta. O fósforo inorgânico é aplicado diretamente sobre as folhas, local onde ocorre a maior parte de atividade metabólica, em momentos onde a demanda por este nutriente é maior. O objetivo indireto do **CELLERON** é aumentar a produção de ATP nas plantas, melhorando a eficiência da enzima nitrogenase na redução do nitrogênio atmosférico, pois são necessários 16 ATPs para reduzir uma molécula de N₂ em nitrogênio orgânico. O produto é recomendado para várias culturas, tais como: soja, arroz, milho, feijão, café, fumo, trigo, cana-de-açúcar, algodão, citrus, frutas, verduras, legumes e outras. Disponível em: <http://www.follyfertil.com.br/produto.php> (acesso em 01/07/2013).



Figuras 08 e 09: Embalagem de Agrotóxicos e sementes transgênicas utilizadas nas hortaliças
 Fonte: (Severino J. Sobrinho-25/06/2013)

Nos questionamentos feitos aos trabalhadores percebeu-se que não queriam falar se usavam os produtos de origem agrotóxica, talvez por sua submissão e dependência a empresa, mas foi confirmado pelo proprietário. Esse tipo de produto empobrece gradativamente o solo, necessitando que seus nutrientes sejam repostos cotidianamente, por isso se utiliza de fertilizantes e adubos químicos para a produção. Mas, essas práticas de utilização de agrotóxico são usadas tanto por pequenos, como também médios e grandes produtores. Oliveira (2004) afirma que esse uso intensivo é nocivo para a saúde humana:

O quadro mais terrível do uso da tecnologia na agropecuária brasileira refere-se ao consumo de agrotóxicos quer para os vegetais quer para os animais. Absurdamente mais da metade dos estabelecimentos informaram que consumiam estes produtos em 95/96. Executando-se os estabelecimentos com área inferior a 10 hectares, nas pequenas unidades o uso chega a mais de 80 % e entre as médias e grandes unidades, este consumo está acima de 90% dos estabelecimentos. Este uso generalizado de agrotóxicos mostra que ele foi o mais “espetacular resultado da modernização” da agricultura: seu envenenamento gradativo. Em sua maior parte, uma espécie de “indústria das doenças e da morte” a médio e longo prazo. E é óbvio que a maior parte da “indústria médico farmacêutica agradece pelos seus clientes”. (OLIVEIRA, 2004, p.7)

Este crescente aumento do uso de agrotóxico se dá pelas indústrias multinacionais como a Monsanto, Bayer, Syngenta que se instalam nas regiões do Brasil e vão homogeneizando toda cultura agrícola, tornando os agricultores dependentes de seus insumos e sementes. Tais indústrias produzem defensivos agrícolas para o aumento da produção, e mais recentemente tem se intensificado o uso de sementes transgênicas no campo. Este fato

tira a autonomia das culturas locais e há sempre uma dependência a essas empresas multinacionais.

Na empresa quando os empregados manuseiam o Celleron, utilizam apenas máscaras como equipamento de proteção individual. Dessa forma, os trabalhadores estão expostos ao risco à saúde, por manusearem produtos sem a proteção total de equipamentos necessários, além disso, estão submetidos a possíveis doenças a curto, médio e longo prazo. As máscaras são usadas pelos trabalhadores apenas na pulverização das hortaliças. Esse aumento gradativo do uso de agrotóxico foi subsidiado pelo Estado através das multinacionais do setor agrícola.

O Estado, sob pressão de órgãos supranacionais, desregulamenta e liberaliza o setor agrícola e proporciona o aumento da vinda de grandes grupos multinacionais do agronegócio mundial para o Brasil. É nesse momento atual o principal foco, onde se analisaram três setores para mostrar a inserção dos grupos multinacionais no Brasil. (ALBANO, 2011, p.2).

A homogeneização da agricultura na atualidade é fato consumado, onde um pequeno grupo de empresas controla a produção mundial, no mundo apenas seis empresas são responsáveis por essa produção em massa. No Brasil de acordo com Bombardi (2011), estas pequenas informações dão indícios do que significa, atualmente, a internacionalização da agricultura. A agricultura brasileira é, sem dúvida, monopolizada pelo capital internacional. Considerando que o Brasil consome 84% dos agrotóxicos vendidos à América Latina e, considerando ainda que o setor de agroquímicos está oligopolizado por seis grandes marcas, a saber: Monsanto, Syngenta/Astra Zeneca/Novartis, Bayer, Dupont, Basf e Dow— o que temos é um grave processo de subordinação da renda da terra ao capital internacional melhor diríamos, ao capital oligopolista internacional.

2.3 Exploração da força de trabalho e da mais-valia

A relação de assalariamento torna os empregados dependentes do sistema capitalista da empresa uma vez que existe pouca oferta de trabalho na localidade, todos são oriundos das proximidades, gerando mais lucro para a empresa, pois gastam menos com alimentação, transporte, dentre outros. Nas fotos a seguir observam-se os trabalhadores dentro do galpão:



Figuras 10 e 11: Lavagem da alface e embalagem da produção no galpão
 Fonte: Severino J. Sobrinho: 25/06/2012

Nas idas a campo foram aplicados 33 questionários aos funcionários e de acordo com os mesmos constatou-se que há na empresa, menores de idade, trabalhando dentro do galpão e no cultivo das hortaliças. Desses menores poucos estudam. As pessoas que trabalham lavando a alface começam de 13 horas da tarde e estende-se até terminar toda a alface, muitas vezes chegam a trabalhar até sete horas da noite. Esses funcionários trabalham os cinco dias da semana e em sua maioria ganha apenas 150 reais por mês, nota-se, portanto a exploração do trabalho.

As relações capitalistas de produção são relações baseadas no processo de separação dos trabalhadores dos meios de produção, ou seja, os trabalhadores devem aparecer no mercado como trabalhadores livres de toda a propriedade, exceto de sua própria força de trabalho. (OLIVEIRA, 2007.p.36)

A única relação dos funcionários com a empresa é o seu trabalho ofertado, tendo que cumprir todos os horários de funcionamento para a efetiva produção e comercialização de hortaliças. No gráfico a seguir temos o nível de escolaridade dos trinta e três questionários aplicados aos trabalhadores. Desses trabalhadores, quatro são menores de idade, um tem quinze anos, dois tem dezesseis e um dezessete anos.

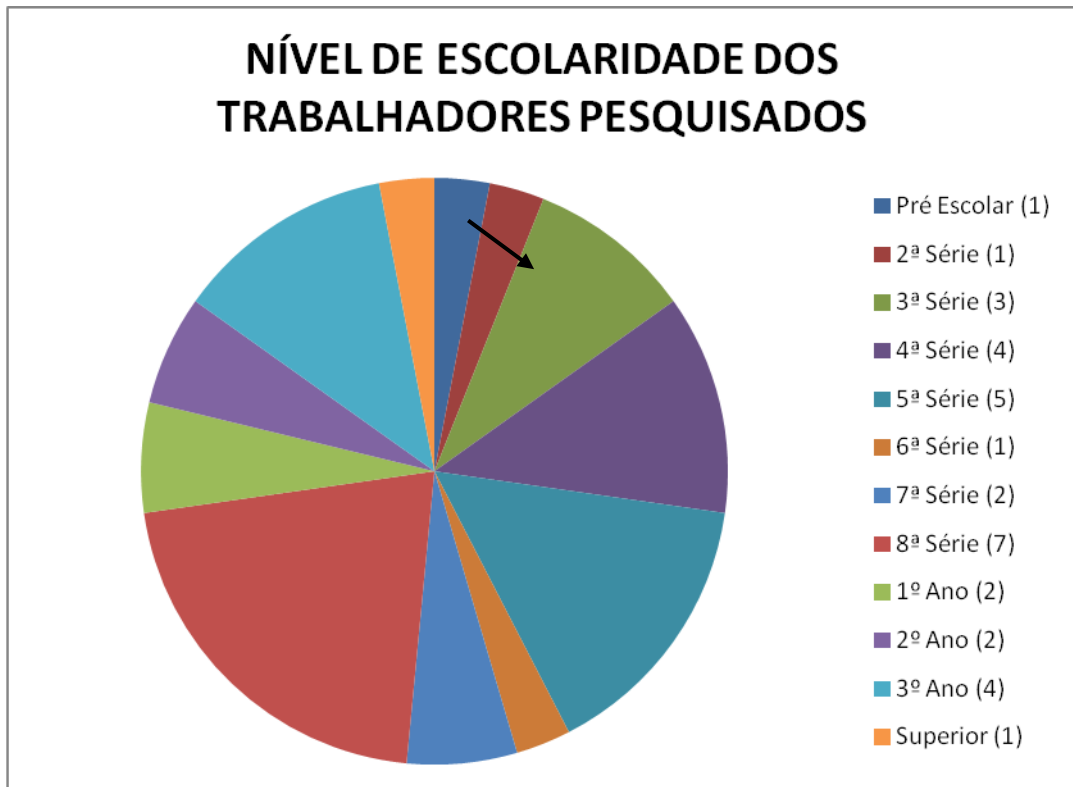


Gráfico: Escolaridade dos trabalhadores pesquisados da “Hortaliças Sempre Verde”
Elaborado por: Severino J. Sobrinho (12/07/2013)

No gráfico acima percebe-se que a maioria dos trabalhadores não possui o ensino fundamental e apenas um tem ensino superior. Isso mostra que a agricultura é praticada na maior parte das culturas por pessoas de baixa escolaridade, isso é uma realidade no Brasil. Os trabalhadores na sua maioria não estudaram ou não tiveram oportunidade, pois, optaram por trabalhar na agricultura para subsidiar o sustento de suas famílias. A maioria não terminou o ensino fundamental ou pararam no ensino primário, logo foram colocados para o trabalho agrícola. Percebeu-se que os trabalhadores da empresa com menor escolaridade estão à frente do trabalho braçal e conseqüentemente ganham menos. As pessoas que trabalham meio expediente, entre cinco a seis horas por dia, ganham menos da metade do salário mínimo.

Muitos deles estão trabalhando para complementar a renda familiar, pois, em muitos casos o marido ou algum parente já trabalha para a empresa, outros têm receio de assinar a carteira por conta de uma possível dificuldade na aposentadoria rural futura ou por perder algum auxílio de programas sociais governamentais. Ao assinarem sua carteira de trabalho muitos agricultores temem não conseguirem se aposentar na idade mínima, por isto, vender sua força de trabalho sem respaldo trabalhista.

2.4 Redes de supermercado e incorporação da agricultura camponesa

As parcerias com redes atacadistas e com restaurantes de diversas cidades, em consequência da maior densidade populacional geram renda para a população local do povoado de São Tomé. Segundo a entrevista que Francinildo concedeu, não há uma comercialização para os moradores do povoado São Tomé, as pessoas que trabalham se desejarem vão até lá na propriedade e pegam as hortaliças para fazerem suas refeições.

A empresa rural foco deste estudo produz vários tipos de hortaliças e apenas um tipo de fruta, o limão. Diversas hortaliças são produzidas, como a alface, o brócolis, a rúcula, abobrinha, jiló, pepino, acelga, couve-flor, berinjela, dentre outras. A alface em Janeiro de 2012 era vendido para as redes de supermercados a 0,60 centavos a unidade, assim pode se observar que há uma sobreposição de empresas capitalistas entre si, o que acontece com a empresa de hortifrutigranjeiros e as redes de supermercados atacadistas.

A frota da empresa conta atualmente com quatro caminhões para abastecer essas localidades, sendo direcionado um caminhão para abastecer a cidade de Campina Grande, dois caminhões para abastecer os restaurantes e supermercados de João Pessoa e um caminhão destinado para a cidade de natal no Rio Grande do Norte.

A empresa é voltada apenas para atender as redes de supermercado de Campina Grande, João Pessoa e Natal. Os recursos financeiros são para atender regiões externas e a localidade fica apenas com o benefício da exploração do trabalho assalariado de seus empregados, neste caso a mão de obra dos moradores locais, portanto está voltada para o interesse do capitalismo corporativo e monopolista. Sobre quais as redes de supermercados e restaurantes que abastece, responde: “*Rede Walmarter (Hiper Bom Preço), Pão de Açúcar, Supermercado Boa Esperança, Rede Mais, são vários supermercados.* (Relato de Fracinildo Pimentel da Silva.29/06/2013). A Walmarter e a Hiper Bom são as mesmas empresas. A frota de caminhões tende a aumentar ressaltou Francinildo: “*Hoje são quatro caminhão mais esta chegando mais*”. (29/06/2013).



Figuras 12 e 13: Caminhões para transportar produtos convencionais e outro para produto orgânico

Fonte: (Severino J. Sobrinho-28/01/2012)

Com o crescimento em alta, a frota de caminhões aumentará por conta de uma maior produção e aumento da demanda dos estabelecimentos que compram suas mercadorias. Na foto acima o primeiro caminhão é descaracterizado, não possui adesivos no baú, levam os produtos de origem convencional para os estabelecimentos. Já o segundo é todo coberto por adesivo fazendo propaganda aos produtos orgânicos do sítio Ribeiro, mas, pertence à empresa.

Isso mostra a interferência desta empresa para com os camponeses do sítio Ribeiro, onde é comprada boa parte dos produtos orgânicos pela empresa. Na entrevista feita com Francinildo (2013) ele diz: “É, eu compro também lá em seu Inácio e também a Ernandes, a couve e outros produtos dele”. Essa ação sofrida pelos camponeses enfraquece todo o movimento e conquista de autonomia camponesa, através das Feiras Agroecológicas. Nota-se, portanto a presença do atravessador nos produtos agroecológicos, conseqüentemente uma desvalorização de sua produção.

Este fato enfraquece os outros camponeses do sítio Ribeiro que vem conquistando espaços agroecológicos há mais de uma década, sendo agora “corrompido” por esses outros camponeses que aceitam a exploração de sua produção, corroborando com isto temos:

Neste caso, a relação entre produtor e consumidor é marcada por um distanciamento interposto pelas dificuldades de acesso aos mercados de venda direta dos produtos por parte dos camponeses. Sua produção encontra-se, pois, sujeita aos preços e as exigências daqueles responsáveis pelo transporte e venda aos centros de distribuição dos alimentos, resultando na constituição de uma relação comercial bastante desigual no que concerne á apropriação do valor incorporado ao produto vendido. (SANTOS, 2010.p.48)

Logo percebemos uma relação de desigualdade entre os camponeses e os mercados atacadistas que exploram diretamente o trabalho camponês. A empresa compra a produção agroecológica, e repassa para as redes atacadistas que vendem os produtos orgânicos por um preço bem mais alto no varejo. Isso é reflexo da falta de transporte para o escoamento da produção camponesa aos mercados, ou por não terem firmas para levar diretamente às redes atacadistas.

Capítulo III

A Agroecologia como proposta ideológica à agricultura convencional.

Há um preço a pagar pelo privilégio de “viver em comunidade” - e ele é pequeno e até invisível só enquanto a comunidade for um sonho. O preço é pago em forma de liberdade, também chamada “autonomia”, “direito à autoafirmação” e “à identidade”. Qualquer que seja, ganha-se alguma coisa e perde-se outra. (BAUMAN, 2003, p.10)

3.1 Práticas da Agroecologia versus agricultura convencional

Neste capítulo abordaremos as diferenciações que envolvem a agricultura camponesa no Sítio Ribeiro e São Tomé, correlacionando às práticas agrícolas nas duas localidades, ressaltaremos as práticas agrícolas, o perfil socioeconômico, as condições de mercado, dentre outros elementos que caracterizam as práticas agrícolas nessas duas propriedades. Ressaltaremos também as organizações sociais e governamentais que influenciam nas práticas da Agroecologia que vem se consolidando na última década na localidade do Sítio Ribeiro.

As localidades do Sítio São Tomé e Sítio Ribeiro produziam a partir da agricultura convencional, ou seja, utilizando insumos químicos e agrotóxicos nas lavouras. As práticas da agricultura moderna levaram esses agricultores a utilizarem na agricultura produtos que elevavam os nutrientes e recuperavam o solo agrícola para uma maior produtividade.

Com apoio do Estado, através de Políticas Públicas e financiamentos bancários essas localidades introduziram práticas disseminadas pela Revolução Verde, processo que afetou muitas localidades a partir de 1970. Com o tempo, os camponeses do sítio Ribeiro decidiram não utilizar mais os agrotóxicos, pois perceberam os malefícios causados com essas práticas para eles, para suas famílias e para o meio ambiente e pararam de usar os produtos químicos há 15 anos.

Em um dos relatos nos nossos trabalhos de campo, um dos depoentes relatou que depois de adotar práticas agrícolas agroecológicas chegou a receber orientação técnica para aplicação de venenos para o controle de pragas. A negativa do camponês em realizar tal aplicação foi posteriormente elogiada pelo mesmo técnico agrícola, que constatou que a propriedade apresentava um equilíbrio ecológico que possibilitava controle das pragas sem a utilização de pesticidas.

A empresa Hortaliças Sempre Verde continua produzindo de forma convencional há mais de uma década e utiliza em sua produção, agrotóxicos para controle de pragas.

Os camponeses do Ribeiro relataram que a utilização desses produtos para intensificação dos produtos agroquímicos foi apoiada por técnicos da área agrícola de instituições governamentais e trouxeram muitos maléficos para a saúde.

Ao adquirirem os empréstimos com apoio da EMATER-PB, já vinham conjuntamente produtos químicos para utilizar na agricultura, modelo que ficou conhecido como pacotes tecnológicos. As promessas dos implementos de modernização eram de que a terra produziria cada vez mais. Contudo, devido a ausência de acompanhamento técnico para a aplicação desses pacotes, aliada a baixa escolaridade dos agricultores, esses adubos

químicos e agrotóxicos foram usados sem nenhuma instrução, com aplicações incorretas e com formas perigosas de armazenamento e descarte das embalagens. Nesse sentido, os camponeses ficaram expostos a substâncias tóxicas, aumentando a vulnerabilidade de adquirirem doenças oriundas da utilização desses produtos. Não tendo informação adequada eles contaminaram o solo e a produção familiar.

Realizamos uma comparação entre as duas localidades agrícolas em relação às condições de trabalho. Observamos a partir de trabalhos de campo que as relações de trabalho são distintas nessas duas realidades agrícolas. A produção agrícola dos camponeses do sítio Ribeiro é predominante familiar, cada membro da família exerce uma atividade e em geral a renda obtida é usufruída por todos. No sítio São Tomé prevalece o trabalho rural assalariado, variando de meio a um salário mínimo.

Analisamos que as práticas de produção camponesa no sítio Ribeiro valorizam o meio ambiente e a saúde humana, através da implantação de uma agricultura que colabora com a melhoria da qualidade de vida da sociedade. A esse respeito Altieri (2012.p.159) destaca que:

Essa estratégia camponesa de minimizar os riscos mantém a produtividade estável no longo prazo, promove uma dieta diversificada para as famílias e maximiza os retornos, embora conte com baixos níveis de tecnologia e recursos limitados. [...] proporcionando uma série de serviços culturais e ecológicos para as populações rurais, mas também para a humanidade, tais como a preservação das formas tradicionais de conhecimento agrícola, de raças e sementes crioulas e de formas autóctones¹¹ de organização sociocultural.

Nos trabalhos de campo realizados percebemos essa valorização e respeito às culturas e conhecimentos locais. Apesar dos poucos recursos, percebemos que há uma rentabilidade produtiva através do plantio consorciado e com adubos locais e fertilizantes biológicos, já no sítio São Tomé são usados produtos de local exógeno ao da localidade. Nas fotos a seguir há essa diferenciação desses adubos:

¹¹ Autóctones: Que é oriundo da terra onde se encontra, sem resultar de imigração ou importação. (FERREIRA, 2001.p.76)



Figuras 14 e 15: Adubo natural no Sítio Ribeiro e adubo artificial no São Tomé

Fonte: Severino J. Sobrinho- (Junho de 2013).

No sítio Ribeiro a maioria do adubo produzido e utilizado pelos camponeses é da própria localidade, este é produzido por seu pequeno rebanho de gado, uma pequena parte é comprada a terceiros (de localidades próximas) para complementar o restante, reduzindo o custo financeiro. É importante ressaltar que as duas localidades produzem adubos bovinos, além disso, os camponeses do sítio Ribeiro demonstram um bom conhecimento das técnicas agroecológicas na utilização de folhagens e restos de plantas para adubar a plantação durante o ano e no ano subsequente. Um dos depoentes resalta a questão da utilização do adubo:

Eu trabalho com isso aí há muitos anos, esse esterco, quando criava muito gado tinha mais tempo, que tinha mais irmãos estavam em casa, eu sempre morei aqui, eu sempre gostei de agricultura, criava vinte, trinta cabeças de gado e o estrume do sítio dava pra estrumar o sítio, aí eu sempre trabalhei nesse sistema, eu sempre deixo uma parte do curral pronto e outra parte, repousando, mas tem outro nome a palavra é compostagem aí eu comecei a comprar estrume a uns três quatro anos atrás, agora a produção aumentou ai eu tive que comprar pra completar. Por ano é quatro, cinco carradas só. (Relato de camponês do Sítio Ribeiro. Data: 10/06/2013)

O uso dessas fontes alternativas minimiza os impactos ambientais e fortalece a economia camponesa. Há uma relação de proximidade com a terra, ela dará os frutos e alimentação que o camponês precisa. Na fala de um dos camponeses do sítio Ribeiro fica evidente essa ligação, onde ele afirma que “trabalhar nela porque a gente ta cuidando da mãe terra né, a terra é que dá a vida”. Nota-se a proximidade e relação com a terra que dá vida a toda a família. Na figura a seguir nota-se o respeito com a natureza no Sítio Ribeiro com presença de árvores que servem de proteção para a agricultura como barra vento e também para atrair pássaros, aumentando a biodiversidade do ecossistema local:



Figura 16: Imagem da propriedade de Seu Inácio no Sítio Ribeiro
Fonte: Severino J. Sobrinho-11/06/2013

O cuidado com a terra e a consciência de que dela é que vem o sustento das gerações presentes e futuras fica evidente no seguinte relato:

Foi constatado que aqui tinha uma grande praga de cachorro d'água e quem controlou isso aí não foi veneno nada, o que controlou foi os pássaros, os pássaros foi quem comeu, os tateis, comeram tudo aqui eu tenho uns pássaros chamado aqui o bem-te-vi, tem o largateiro, e que contribui com a natureza e pra que matar uns pássaros desse. (Relato de camponês do Sítio Ribeiro: 11 de junho de 2013)

A relação com o tempo de trabalho constitui-se em outra diferença nas duas localidades estudadas, enquanto no sítio São Tomé os horários são fixos, regidos pelo regime de trabalho assalariado, no sítio Ribeiro o horário é mais flexível, decidido pela própria família que trabalha a terra. Nesse sentido, percebemos que o tempo a partir das relações capitalistas é guiado pela produtividade e que o trabalhador não é livre para decidir seu tempo de trabalho. Já nas relações camponesas, há mais autonomia para decidir a hora de começar e terminar o trabalho. Enquanto nas relações capitalistas o tempo é guiado pelo relógio, nas relações camponesas é a natureza que estabelece a intensidade e a duração do trabalho.

No sítio Ribeiro toda a família participa do trabalho produtivo e algumas vezes há o pagamento de mão de obra para auxiliar as atividades em períodos de maior carga de trabalho. No relato a seguir observamos como é estabelecido o tempo de trabalho no sítio Ribeiro:

Porque eu me acordo aqui é seis horas seis e meia, quando vou sair é seis horas do dia de dentro de casa, aí fico de sete horas ate dez e meia onze horas no máximo né aí à tarde eles (filhos) vão para colégio e eu fico cuidando dos animais. Mas quando tem um dia pra trabalhar, quando tem

trabalhador essas coisas sempre eles trabalham de sete a onze e pega de uma as quatro horas. (Relato de camponês do Sítio Ribeiro. Data: 10/06/2013)

As práticas camponesas podem ser enfraquecidas devido à presença de atravessadores. Isso pode enfraquecer todo o movimento de luta camponesa na região, e diminuir a renda de cada trabalhador. Esses atravessadores são conhecidos na região como mangaeiros¹².

A Feira Agroecológica constitui-se numa saída importante encontrada pelos camponeses do sítio Ribeiro para conseguirem minimizar os prejuízos da venda a atravessadores, pois nesses espaços de comercialização os camponeses vendem seus produtos diretamente aos consumidores nas cidades.

No caso do sítio São Tomé, apesar da entrega direta nas cidades, observamos que as redes de supermercado também fazem o papel de atravessador, visto que a diferença entre o valor do produto vendido ao consumidor final é significativamente maior do que é recebido pela empresa.

Ainda em relação ao trabalho, nas relações assalariadas os agricultores vendem a sua força de trabalho, como ocorre no Sítio São Tomé, nas relações de trabalho camponesa, os agricultores vendem o produto do seu trabalho.

Quando o trabalhador vende diretamente a sua força de trabalho, essa socialização mediada pela troca o atinge diretamente. A mercadoria que aí nasce é produto do trabalho combinado, social, socializado, de muitos trabalhadores. Quando, porém, o trabalhador é proprietário dos seus instrumentos de trabalho, suas ferramentas, sua terra, esse processo atinge diretamente o fruto do seu trabalho, mas não o atinge diretamente. (MARTINS, 1980, p.14-15)

No que concerne a questão do atravessador, alguns camponeses vendem parte das mercadorias que não são absorvidas pelas Feiras Agroecológicas. Além disso, as contradições do desenvolvimento capitalista incorporam a produção agroecológica a partir de outras lógicas, conforme podemos analisar do relato a seguir:

Realmente, não tem um agricultor que atravesse sem o atravessador porque o atravessador, muita gente que diz que o atravessador é uma coisa ruim, mas às vezes eles têm que ganhar as coisas dele a gente também, porque eu mesmo vendo a essa empresa Hortaliças Sempre Verde que vende nos mercados, que é do meu genro, eu mesmo não posso vender aos supermercados porque eu não tenho uma firma aberta, né, aí tem que ter o atravessador. Porque ninguém pode passar sem o atravessador não porque

¹² Mangaeiros: pessoas da região que compram frutas dos sítios para vender no mercado de atacado nos centros urbanos.

todo mundo não tem uma firma e as empresas exigem que o cara tenha uma firma, um CNPJ. (Relato do camponês do sítio Ribeiro – Data: 10/06/2013)

Alguns camponeses do sítio Ribeiro vendem o excedente de sua produção ao atravessador, outros vendem toda a sua produção a empresa Hortaliças Sempre Verde, antes sua produção também era escoada para as feiras livres. Um dos camponeses possui certificado nacional de produto orgânico, podendo vender seus produtos a qualquer estabelecimento comercial ou atacadista. Ele ressalta que: “Posso vender pro exterior. Eu com esse selo que eu tenho da EcoCert¹³ que é de Santa Catarina eu vendo pra qualquer recanto do mundo”. (Relato de camponês do sítio Ribeiro. Data: 11/06/2013). A figura a seguir é o selo orgânico que precisa ser pago anualmente para concessão de renovação. A primeira imagem foi o primeiro selo orgânico do camponês, a segunda imagem é do selo nacional:



Figuras 17 e 18: Selo antigo e selo atual de Seu Inácio
Fonte: Severino J. Sobrinho (28/08/2011 & 11/06/2013)

Alguns camponeses do Sítio Ribeiro preferem vender diretamente na Feira Agroecológica, como observamos no relato a seguir:

De primeiro eu vendia a mercadoria ao atravessador todinho, ele levava, eu perdia mais da metade. Depois que eu entrei nesse projeto, eu mesmo colhia tudo do meu sítio e levava direto no meu nome, aí tudo melhorou, comprei carro, porque tudo que eu adiquiro no sítio eu vendo diretamente na mão do

¹³ A EcoCert Brasil chegou ao país no início de 2001 e seu escritório fica em Florianópolis, Santa Catarina. A certificadora é uma representação da empresa francesa Ecocert, considerada uma das maiores da Europa e presente em mais de 50 países. A Ecocert Brasil segue as normas do Ministério da Agricultura brasileiro para certificação, diferente da matriz na França. Para a certificação de produtos destinados ao mercado interno é utilizada a IN 007 / 09, para produtos destinados ao mercado internacional são utilizadas as respectivas normas nacionais dos diferentes países (CEE 2092/91, JAS). Disponível em: <http://planetaorganico.com.br/site/index.php/certificadora-ecocert/#sthash.jvICETed.dpuf>. Acesso em: 04/07/2013.

consumidor, esse atravessador já era eu não vendo aqui nenhum um limão a ninguém, a nenhum atravessador porque eu já sei que o caba que compra ganha mais da metade quando não ganha mais da metade, ou a metade, e o caba nessa feira agroecológica vende diretamente ao consumidor, vende pelo preço certo e aí as coisas rende mais.(Relato de camponês do sítio Ribeiro - 11/06/2013)

No relato desse camponês percebemos a eliminação de atravessadores em sua produção depois que ele entrou e começou com práticas agroecológicas e a se organizar com outros camponeses para escoar suas mercadorias sem a presença do atravessador. Portanto, notamos relações de autonomia e dependência camponesa no Ribeiro.

3.2 Autonomia e Feiras Agroecológicas camponesas no Agreste Paraibano

As Feiras Agroecológicas constituem espaços de relações de poder na região Agreste da Paraíba conquistados pelos camponeses da região, onde se tem um desenvolvimento participativo através das Feiras Agroecológicas nos centros urbanos. Trata-se, portanto de uma conquista territorial que tem o objetivo de levar uma produção nutritiva e saudável em contraponto aos modelos de comercialização mais comuns nesses espaços urbanos. Os principais destinos finais da produção camponesa do Sítio Ribeiro são as cidades de Esperança e Campina Grande.

A busca por autonomia e liberdade camponesa a partir das Feiras Agroecológicas, a nosso ver, imprime no território novas formas de relações de poder. O campesinato, cada vez mais instrumentalizado de estratégias, com o crescente apoio da sociedade, enfrenta diretamente o capital que historicamente o colocou em uma situação de subordinado, explorado. A sua busca por um meio alternativo de escoamento da produção, é uma luta contra os mecanismos de sujeição da renda da terra representados pela monopolização do território nos assentamentos pelo capital comercial ou industrial. Nessa luta, novas perspectivas de futuro são traçadas para o campesinato. Assim, no campo brasileiro já se apresentam novos sinais de que estamos diante de novas possibilidades, cada vez mais fortes, de estabelecimento de territórios efetivamente de camponeses, nos quais a autonomia e a liberdade sejam práxis cotidianas. (SANTOS, 2007.p.77/78)

O capital ainda manipula as práticas camponesas e a liberdade de sua produção e venda através das redes atacadistas e do próprio atravessador. Mas surgem as Feiras Agroecológicas e políticas públicas voltadas para o escoamento de suas mercadorias, fortalecendo o território. Essas territorialidades se fortalecem a cada dia com o conhecimento

da sociedade que busca uma alimentação saudável. De acordo com Haesbaert (2010.p.43) “Etimologicamente, a palavra território, *territorium* em latim, é derivada diretamente do vocábulo latino *terra*”. A partir das Feiras Agroecológicas está havendo cada dia mais a conquista do território.

As feiras surgem como liberdade às práticas da agricultura capitalista valorizando a individualidade de cada agricultor. Essas territorialidades surgem no início da década de 2000, conforme relato de um dos fundadores desse projeto na região Agreste:

Eu fui um dos fundadores em 2003, nós fizemos o “Natal sem veneno” em Campina Grande, Porque a primeira feira agroecológica foi em 2001 em Lagoa Seca, lá foi onde surgiu o movimento aí disseram que estava crescendo muito e tinha que aparecer mais agricultores que trabalhavam de forma correta pra fundar outra feira em Campina Grande aí eu fui convidado pelo irmão de Zé Pequeno que já fazia parte e aí ele disse é eu tenho um irmão que é o principal pra estar nessa feira, se chama inacinho, aí eu fui participei fundamos a feira no museu do algodão na antiga estação velha em 2003, no dia 23 de Dezembro de 2003 lembro como hoje. (Relato do camponês do Sítio Ribeiro -11/06/2013)

As feiras tiveram uma dinâmica espacial e uma aceitação social e se expandiu para o município de Campina Grande. Segundo, relato de um camponês do sítio Ribeiro “A Agroecológica tem algum retorno, tem um projeto, queira ou que não queira, nós agricultores da feira abrindo espaço né fomos ao prefeito, naquele tempo a prefeita era Cozete, aí abriu a janela pra gente”.

Com o apoio municipal essas territorialidades agroecológicas começam a se organizar e se fixar na região. Os camponeses obtiveram um certificado através do MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento) que certifica que os produtos desses agricultores são orgânicos.

O selo de produtor familiar orgânico credencia os camponeses a venderem seus produtos nas Feiras Agroecológicas no estado da Paraíba, assim como também oferecer seus produtos para a CONAB, através do PAA (Programa de Aquisição de Alimentos). A partir dessas práticas esses sujeitos fortalecem a construção da soberania alimentar, conforme destaca Altieri (2012, p. 366)

Os movimentos sociais do campo adotam o conceito de soberania alimentar como uma alternativa a abordagem neoliberal que aposta num comércio internacional injusto como forma de revolver o problema da fome mundial. Em vez disso, o conceito de soberania alimentar enfatiza o acesso dos agricultores á terra, sementes e água, focando na autonomia, nos mercados locais e circuitos locais de produção-consumo, na soberania energética e tecnologia e nas redes de agricultor a agricultor. (ALTIERI, 2012. p.366)

Nesta oposição as práticas neoliberais há também parcerias e apoio com a ASP-TA (Agricultura Familiar e Agroecologia), a Ecoborborema e o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), que valorizam a cultura camponesa. Nas entrevistas constatamos essas ações de entidades governamentais e não governamentais como ressalta Givonaldo, (camponês do Ribeiro -10/06/2013), e vice-presidente da Ecoborborema, “a gente fornece pra o CESPE-PB, Mesa Brasil, e o PNAE não é toda semana, semanalmente ou quinzenalmente depende da escola tem que fornecer”. Essas práticas gerenciam o banco de alimentos e redistribui esses produtos para comunidades carentes, creches e entidades filantrópicas de Campina Grande.

Com a nova lei, a alimentação escolar passou a contar com produtos diversificados e saudáveis. E essa iniciativa pode ser bastante ampliada. Basta que os gestores locais, sejam estaduais ou municipais, também passem a utilizar parte de seu orçamento destinado à alimentação escolar na aquisição de produtos dos agricultores e dos empreendedores familiares rurais, aumentando com isso o valor investido na produção agrícola familiar e estimulando a economia local. (BRASIL, 2009)

Os programas como o PNAE, orienta que todos os estabelecimentos de ensino básico destinem 30% dos recursos financeiros a compra de produtos da agricultura familiar camponesa, ressalta-se portanto que os produtos da agricultura familiar em sua maioria são produzidos convencionalmente, já os produtos agroecológicos são minoria produtiva. É um meio de proporcionar renda e fortalecer os camponeses a continuarem produzindo alimentos agroecológicos de forma significativa. Os camponeses do Sítio Ribeiro relatam que essas ações não chegam aos seus conhecimentos deles, muitas vezes a prefeitura de Alagoa Nova não divulga essas licitações. Há anseios de melhoria social com esses programas como mostra o camponês do Ribeiro:

Bom primeiramente eu espero é saúde né, pra gente continuar e que a gente possa crescer também, possa crescer, possa vender mais e ir pra mais feira acessar mais o próprio plano do governo o PAA o PNAE e que o PNAE venha melhorar mais e que a gente possa levar um alimento de melhor qualidade pro meu filho direto na escola e os filhos de outra pessoas, né tudo isso é muito burocracia, principalmente do PNAE, que venha melhorar e que a gente possa fornecer e consequentemente um produto de boa qualidade tanto para os alunos que moram na rua quanto para os que moram no sítio e são pros próprios nossos filhos. (Relato de camponês do Sítio Ribeiro - 15/06/2013).

A partir dessas práticas de geração de renda e valorização da agricultura a renda camponesa aumentou e o processo por autonomia e liberdade de vender diretamente seus alimentos ao consumidor, de acordo com um camponês do Ribeiro, essa prática aumentou a renda de sua família *“Com certeza, aumentou a renda, você vendia um moí de coentro por cinquenta centavos lá na feira e aqui você só vendia por vinte e cinco centavos”*, isso mostra uma maior dignidade e rentabilidade financeira aos envolvidos com essas ações.

Com o ingresso nas Feiras Agroecológicas, os camponeses diminuíram a retirada de suas rendas pelos atravessadores. Apesar das feiras não absorverem todos os seus produtos, a liberdade de estar diretamente vendendo ao consumidor, obtém-se um laço de amizade e de confiança entre consumidor e camponês. Essas amizades são tão próximas que várias vezes esses consumidores são convidados a conhecer a produção rural dos camponeses para que comprovar a veracidade dos produtos agroecológicos. Outros intercâmbios são feitos com camponeses e entidades governamentais e sociais, como ressaltado no relato seguinte:

Eu recebo visita aqui de intercambio de sindicato de Matinhas, da presidente do Sindicato dona Antonia e Nequinho traz o grupo dele de vez em quando pra cá, a AS-PTA, de vez em quando vem pesquisador, professor Francisco da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) de Lagoa Seca manda de seis em seis meses manda três grupos pra eu dar um treinamento pra eu dar aula aqui, manda e não só esses grupos que vem de intercambio, eu já fui até em outras cidades, eu já fui ate no sertão da Paraíba em Cajazeiras, já fui dar reuniões pra os agricultores de lá, já fui lá pra Remígio conhecer outras práticas, nos assentamentos e graças a Deus eu me acho feliz de passar alguma coisa para os meus irmãos, não ganho, não quero contribuição financeiro, mas, eu quero que Deus mim contribua porque Deus vai dar uma contribuição melhor, eu creio que é um sacerdócio a pessoa cuidar da mãe terra zelar a mãe terra, porque a terra é como um corpo humano deve ser bem cuidado, porque assim como a gente cuida do nosso corpo que é a guarda do Espírito Santo a gente tem que guardar a nossa mãe terra, porque é dela que a gente tira o sustento, por isso que eu preservo as duas coisas a vida e a terra, porque sem a terra a gente não vive. (Relato de camponês do sítio Ribeiro - 10/06/2013)

Esses intercâmbios também são importantes para as práticas camponesas se desenvolverem através da troca de conhecimentos de camponês à camponês, como resalta camponês do Ribeiro: *“Já fizemos muita visita, tem que ter esse intercambio porque isso é bom. Eu aprendi muita coisa com intercambio, com costumes né, como fazer uma coisa, plantar uma planta, como adubá-la, isso aí faz parte isso é bom”*. Esses intercâmbios entre agricultores são fundamentais para as práticas da agroecologia camponesa e de aspirações de uma vida mais digna.

3.3 Sementes Crioulas e alternativas camponesas

As conquistas de autonomia e produção camponesa na região Agreste da Paraíba tornou as práticas agrícolas agroecológicas acessíveis à pessoas de diferentes classes sociais o consumo alimentar saudável e de boa qualidade nutricional tanto para os moradores do campo, mas principalmente aos citadinos. A produção busca dentre outras ações a valorização de sua produção e conseqüentemente uma maior aceitação por parte da população em meio as grandes redes atacadistas alimentícias que existem no mercado financeiro. A autonomia agroecológica a que nos referimos busca valorizar os aspectos culturais locais de cada agricultor. Esses valores podem ser representados pelo conhecimento de formas de produção e manejo agrícola que passa de pai para filho através das sementes nativas selecionadas para plantio no ano vindouro.

No Sítio Ribeiro há famílias que mantêm em seus domínios variedades de banco de sementes crioulas o que favorece uma agricultura livre de sementes transgênicas, fortalecendo as diversas variedades locais.

As sementes transgênicas afetam tanto direto como indiretamente as práticas agrícolas e a saúde humana. Pesquisas indicam que a alimentação transgênica afeta diretamente a saúde e não há uma divulgação da nocividade dessas sementes.

A nocividade e os riscos dos alimentos e forragens transgênicas não foram suficientemente analisados, configurando assim um abuso contra os consumidores, ao fazer deles cobaias involuntárias e desinformadas. Os processos de liberação desses produtos não são padronizados e muito menos tornados públicos. Ao contrário, os processos de liberação desses produtos são manipulados até obter os resultados desejados, ou ficam inacessíveis ao público. (ANDRIOLI; FUCHS, 2008.p.19)

Empresas que dominam a tecnologia agrícola transgênica no mundo exercem influencias em órgãos estatais para que seus produtos sejam difundidos e “aceitos” pelos órgãos estatais que deveriam controlar esses produtos. Essas empresas tendem a unificar a agricultura no mundo, que na atualidade é liderado pelos Estados Unidos. Segundo Andrioli e Fuchs (2008.p.34) “Os EUA não mantêm apenas uma posição de liderança no cultivo de plantas transgênicas, mas também entre os fornecedores de sementes transgênicas e de

agrotóxicos”. As principais empresas que fornecem alimentação transgênica e agrotóxica concentram-se nos Estados Unidos que comandam essas tecnologias em todo mundo.

Dados do sindicato dos trabalhadores rurais de Alagoa Nova, segundo relatos do presidente do sindicato que está há mais de vinte anos ocupando o cargo, mostra a importância das sementes crioulas no compartimento da Borborema. “No pólo sindical nós temos 82 bancos comunitários e nós temos vários bancos de sementes familiares. O banco de sementes comunitário é aquele que guarda as sementes de vários agricultores em um lugar e entrega no tempo de plantio” (Nequinho- 02/07/2013).

O polo Sindical da Borborema é uma organização que reúne quatorze sindicatos que trabalham juntos, foi criado em 1996, inicialmente com oito sindicatos, o intuito da criação era para unificar as ações sindicalistas. De acordo com Manuel A. Oliveira os sindicatos exerceram forte influência na consolidação das Feiras Agroecológicas da região Agreste:

Já existia uma questão da agroecologia, da agricultura familiar que trabalhava sem veneno, sem agrotóxico, com uma parceria com a AS-PTA, que trabalhava no município de Remígio, Solânea e Lagoa Seca. Depois nós criamos o Polo Sindical da Borborema, implantando a agricultura familiar livre de agrotóxico que é a agricultura agroecológica em oito municípios. Em 2001 teve o Encontro Regional de Agroecologia, onde participou umas duzentas pessoas, entre trabalhador rural, experimentadores, trabalhadores e trabalhadoras rurais e sindicalistas aí se ampliou o projeto de agricultura Agroecológica aqui na Borborema. (Nequinho: 02/07/2013).

O movimento todo teve início nas cidades de Remígio, Solânea e Lagoa Seca. Os agricultores do sítio Ribeiro quando entraram no movimento da Agroecologia também tiveram o apoio dos sindicatos que trabalha com vários eixos: Cultivo ecológico, sementes, criação animal, Saúde e alimentação e a comissão da água que trabalha com cisternas de placa. Nequinho ressalta que as sementes selecionadas são muito importantes e rentáveis para o agricultor e deve-se preservar as sementes: “Se nós não tivermos cuidado os agricultores ficam dependentes dessas sementes transgênicas, de laboratório, porque se você vê um quilo de milho transgênico é dezessete reais e um quilo de milho jabatão (crioulo) é dois reais”.

O Polo Sindical mantém uma parceria com a CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento), onde há o armazenamento das sementes por parte dos sindicatos, onde compram as sementes dos trabalhadores e no plantio seguinte repassa para o plantio.

Os pequenos agricultores tradicionais cultivam uma grande variedade de cultivares. Muitas dessas plantas são variedades crioulas cultivadas a partir de sementes que são passadas de geração a geração, geneticamente mais

heterogêneas do que as cultivares modernas e, portanto, oferecendo maior defesa contra vulnerabilidades e aumentando a segurança da colheita em meio a doenças, pragas, secas e outras adversidades. (ALTIERI, 2012. P.374).

A importância da preservação das sementes crioulas é fundamental para o desenvolvimento das práticas agroecológicas na localidade, pois retira a submissão dos agricultores das grandes empresas multinacionais que detém o monopólio das sementes transgênicas. Há, portanto uma liberdade e uma garantia de semente de boa qualidade e consequentemente o combate as transnacionais do campo que tende a homogeneizar a agricultura.

Combater as empresas transnacionais que querem controlar as sementes, a produção e o comércio agrícola brasileiro, como a Monsanto, Syngenta, Cargill, Bunge, ADM, Nestlé, Basf, Bayer, Aracruz, Stora Enso, entre outras. Impedir que continuem explorando nossa natureza, nossa força de trabalho e nosso país.[...]Defender as sementes nativas e crioulas. Lutar contra as sementes transgênicas. Difundir as práticas de agroecologia e técnicas agrícolas em equilíbrio com o meio ambiente. Os assentamentos e comunidades rurais devem produzir prioritariamente alimentos sem agrotóxicos para o mercado interno. (OLIVEIRA, 2007.p.161).

Os agricultores que mantêm sementes crioulas são guardiões de uma riqueza milenar. De acordo com Manuel Antonio de Oliveira, o município de Alagoa Nova tem seis bancos de sementes comunitárias distribuídos em associações comunitárias, dentre elas a associação do sítio Ribeiro. As figuras a seguir mostram a Associação do Ribeiro que apesar da disponibilidade de sementes os camponeses entrevistados do Ribeiro não são associados nela, pois já estão associados à Ecoborborema e devido à problemas internos e políticos partidários que desarticulam as conquistas internas da associação local:



Figura 19 e 20: Associação do Ribeiro e o Banco de sementes do Polo Sindical da Borborema
Fonte: (Severino J. Sobrinho-25/06/2013).

Na associação do sítio Ribeiro está guardada um dos seis bancos de sementes do município, existe só nesta associação cerca de trezentos quilos de sementes armazenadas. O presidente do sindicato ressalta que muitos agricultores do município recebem sementes do governo através da EMATER-PB, mas que são paliativas e geneticamente modificadas e nunca chega no tempo do plantio, ele ainda diz que “as sementes transgênicas não serve pra todo tempo e faz mal pra saúde, muitas vezes nem se adapta a terra porque são todas padronizadas e que é uma dificuldade que os agricultores encontram”. Daí a importância dos bancos de sementes para se opor a esse modelo hegemônico.

Ressaltamos, portanto que há ainda a dependência de sementes de hortaliças para as grandes corporações, a maioria das sementes produzidas no sítio Ribeiro são compradas em Lagoa Seca ou Campina Grande e são adquiridas anualmente. “A maioria eu produzo eu só não produzo semente de coentro, alface, o resto eu produzo” (Relato de camponês do Sítio Ribeiro). As sementes que existem são em sua maioria de feijão, milho e favas.

Uma alternativa camponesa utilizada para o controle de pragas é o uso de defensivos naturais, adquiridas com poucos recursos. A figura a seguir mostra a utilização da manipueira¹⁴, utilizada por camponeses do sítio Ribeiro:

¹⁴ **A manipueira ou “manipeira”** é um líquido de cor amarelada que sai da mandioca depois dela prensada, durante a fabricação da farinha. (SEBRAE). **O Aproveitamento Sustentável da Manipueira.** <http://www.rts.org.br/noticias/destaque-2/arquivos/cartilha.pdf>. Acesso em: 05/07/2013.



Figuras 21 e 22: Manipueira utilizado como fertilizante natural pelos camponeses.
Fonte- Severino J. Sobrinho-29/06/2013

O uso da manipueira foi uma herança passada de pai para filho e hoje as tradições se mantêm em alguns camponeses do sítio Ribeiro:

Eu tenho esse privilégio que eu nunca utilizei um tipo de veneno, eu tenho esse privilégio porque eu via meu pai aí nessa casa de farinha, eu via meu pai pegar a manipueira e dava banho no gado, você sabe que manipueira embebeda gado né, meu pai chegava com um balde num buraco de formiga e despejava um balde de manipueira na formiga pra matar a formiga, aí eu vi meu pai, meu pai nunca usou agrotóxico. (Relato de Camponês do Ribeiro-10/06/2013)

As práticas agroecológicas utilizadas, como a manipueira reduzem o impacto que o solo sofre com os impactos da agricultura e esses defensivos naturais comprovam que é possível ter uma boa qualidade agrícola sem o uso de produtos de origem agrotóxica. Um dos camponeses entrevistados relata ainda que: “Tenho quase uns quatrocentos litros de manipueira ali. Eu tenho um trabalhador, o pai dele tem uma casa de farinha o pai dele é, ainda planta mandioca ainda, aí ele faz uma farinhadazinha, a manipueira e a cinza ele traz pra mim ta aí”. Essa técnica é utilizada na maioria das vezes para matar as formigas que atacam a plantação ou venha prejudicar a família.

Torna-se fundamental a preservação dessas sementes crioulas e dos defensivos naturais para que práticas neoliberais a serviço das grandes empresas nacionais de sementes não retirem a riqueza cultural dos camponeses e eliminem a biodiversidade do campo. Isso se torna importante para que práticas capitalistas não expropriem o homem do campo.

Considerações Finais

No decorrer desta pesquisa ressaltamos algumas práticas agroecológicas camponesas constadas no Sítio Ribeiro, assim como agrícolas convencionais das formas de produção e comercialização na empresa rural do São Tomé. Tentamos compreender essas práticas agrícolas distintas e vizinhas que afetam diretamente as práticas agrícolas agroecológicas, podendo muitas vezes desarticular as conquistas sociais de anos, afetando a coletividade de uma maioria.

Por ser uma fornecedora de destaque regional a empresa Hortaliças Sempre Verde produz hortaliças intensivamente, para atender aos fornecedores, mas além de produzir os produtos convencionais que disponibiliza nas redes atacadistas ela se insere no fornecimento orgânico através da compra direta dos produtos agroecológicos de alguns camponeses do sítio Ribeiro. Este fato faz com que a lucratividade da empresa aumente dia-a-dia, comprando a produção camponesa por um preço bem mais baixo do que se fosse vendido diretamente ao consumidor final, neste caso há uma expropriação do valor da produção camponesa. Este fato pode enfraquecer as Feiras Agroecológicas mantidas pelos camponeses da região Agreste do Estado, cabe, no entanto os camponeses se manterem na união coletiva através de suas associações e de cooperativas para a conquista de novos mercados consumidores.

Para se opor as práticas capitalistas de mercado, as associações locais ou regionais dos camponeses são ferramentas que amenizam os custos e o escoamento das produções camponesas se opondo as explorações capitalistas, isso mostra que a coletividade quando está organizada pode se beneficiar a si próprio e as demais pessoas envolvidas. Essa oposição ao modelo hegemônico traz uma vida mais digna à família camponesa.

As territorialidades conquistadas através das Feiras Agroecológicas no Agreste fortaleceram a economia camponesa. Essas feiras trouxeram uma maior opção de produtos agrícolas na cidade e uma maior qualidade nos alimentos consumidos, pois não levam em sua produção, agrotóxicos. Essas feiras são supervisionadas pelos próprios camponeses e por suas lideranças através das associações como a Ecoborborema.

Outro fator importante para o fortalecimento dessas territorialidades são as reuniões que ocorrem ordinariamente entre os próprios camponeses para fortalecerem as discussões e andamentos dos modos e modelos de produção a que estão inseridos, assim como discutir e organizar as formas de escoamento da produção, sempre numa ajuda mutua aqueles

camponeses com menor recurso financeiro para o escoamento final de sua produção, como também resolver e agilizar os produtos destinados a programas sociais governamentais.

Essas territorialidades conquistadas revitalizaram o saber tradicional dos camponeses e os tiraram das amarras a que estavam submissos aos atravessadores, apesar de alguns camponeses ainda não se desprenderem totalmente. Essas Feiras Agroecológicas mostram a importância da pequena produção familiar para a alimentação da população. Desta forma, compreende-se a pequena propriedade, como as dos camponeses do Ribeiro como policultivos que garantem uma produção altamente produtiva durante o ano e consequentemente com menor intensificação de pragas do que se fosse uma monocultura de larga escala. Ressaltamos também a proximidade com a terra, esta responsável pelo sustento familiar, cabendo ao homem o cuidado para que possa produzir e garantir sua existência.

As questões de identidade cultural que permeiam a vida dos camponeses são importantes para a reafirmação da agricultura agroecológica na sociedade. As sementes crioulas são verdadeiras relíquias camponesas selecionadas de geração para geração de forma natural, este fato mantém sua liberdade de produzir uma semente adequada à especificidade de cada lugar e de cada microclima. Isso dificulta a entrada de sementes geneticamente modificadas e das empresas que desenvolvem estas sementes genéticas, mas é de fundamental importância a união camponesa para permanecerem autônomos sem ser escravizados e manipulados por empresas multinacionais.

O Banco de Sementes comunitárias e familiares mantém a dignidade camponesa. Apesar do banco de sementes mantido pelos agricultores e sindicatos rurais ainda não ser suficiente em termos quantitativos, a preservação das sementes crioulas para a produção camponesa é fundamental. Neste sentido há uma dependência dos camponeses à agricultura tecnológica, pois alguma semente de hortaliças já não existe na localidade, desta forma os camponeses compram mensalmente ou anualmente essas sementes transgênicas que por sua vez não se reproduzem.

A busca pela soberania alimentar parte da preservação das sementes crioulas para não depender das empresas capitalistas. Com isso deve haver mais políticas públicas de valorização camponesa que preservem as sementes nativas de cada localidade, favorecendo uma vida saudável com preservação das espécies e do meio ambiente.

As dificuldades em manter a agroecologia camponesa, parte da noção de coletividade. Essas territorialidades devem ser mantidas através da união dos camponeses em suas associações e com mais conquistas de selos verdes para que a produção também possa ser expandida para outras fronteiras. Faz-se necessário que essas práticas e conquistas

autônomas não fiquem apenas em uma família, além disso, essas práticas devem expandir-se para outros agricultores familiares vizinhos, fazendo com que essas práticas de uma agricultura ecológica tenham cada vez mais adeptos, sempre respeitando a coletividade e respeito do grupo.

Referencias Bibliográficas

ALBANO, Gleydson Pinheiro & SÁ, Alcindo José de. Globalização da agricultura: Multinacionais no campo brasileiro In: **Revista de Geografia (UFPE)** V. 28, No. 1, 2011.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia**. A Dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 5. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

_____. **Agroecologia: Bases científicas para uma agricultura sustentável**. Expressão Popular, São Paulo, 2012.

ANDRIOLI, Antônio Inácio; FUCHS, Richard. **Transgênicos: As sementes do mal- A silenciosa contaminação de solos e alimentos**. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

AS-PTA - Agricultura Familiar e Agroecologia. Disponível em: <http://aspta.org.br/quem-somos>. Acesso em: 21 jun.2013.

BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.2003.

BOMBARDI, Larissa Mies. **Intoxicação e morte por agrotóxicos no Brasil: A nova versão do capitalismo oligopolizado**. Boletim DATALUTA –2011.

BRASIL. **Alimentação escolar e Agricultura Familiar**. Cartilha- PNAE. FNDE. 2009.

BRASIL. CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento. Brasília: Conab, 2010.60 p.: il. Disponível em: (<http://www.conab.gov.br>). Acesso: em 21 Jun.2013.

BRASIL. IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística** – Censo Demográfico. Disponível em: http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_urb_rur. Acesso em: 02 Jul.2013.

BRASIL. SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Grandes Empresas. **O Aproveitamento Sustentável da Manipueira**. Disponível em: <http://www.rts.org.br/noticias/destaque-2/arquivos/cartilha.pdf>. Acesso em: 05 Jul.2013.

CARVALHO, Horácio Martins de. **Desafios para o Agroecologista como portador de uma nova matriz tecnológica para o campesinato**. Curitiba, 2007. Mimeo.

CLEPS JUNIOR, João. Questão Agrária, Estado e Territórios em disputa: os enfoques sobre o agronegócio e a natureza dos conflitos no campo brasileiro. In: GUZMÁN, Eduardo Servilha. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da Agroecologia- **Revista de Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v.2, n.1. Porto Alegre, jan/mar, 2001.

CELLERON. Disponível em: <http://www.follyfertil.com.br/produto.php>. Acesso em 01 Jul.2013

ECOCERT BRASIL. Disponível em: <http://planetaorganico.com.br/site/index.php/certificadora-ecocert/#sthash.jv1CETed.dpuf>. Acesso em; 04 jul.2013.

FABRINI, João Edmilson. **Os camponeses e a práxis da produção coletiva**. São Paulo: Expressão Popular. 2010.152p.

FERNANDES, Cláudia de matos. **Avaliação do potencial de cooperação entre produtores do Projeto de Produção Agroecológica Integrada e Sustentável - PAIS, no Mato Grosso do Sul**.2011.Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local). Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2011. Disponível em: <http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes>. Acesso em: 21 jun.2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2001.

GUZMÁN, Eduardo Servilha. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da Agroecologia- **Revista de Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v.2, n.1. Porto Alegre, jan/mar, 2001.

GUZMÁN, Eduardo Sevilla; MOLINA, Manuel Gonzáles de. **Sobre a evolução do conceito de campesinato**. 3ª Edição. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.252 p.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização. Do “Fim dos Territórios” á Multiterritorialidade**. 5ª Ed-Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

LIMA, Aline Barboza de. **Assentamento Apasa – PB: a agroecologia na construção de novas territorialidades**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geociências, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

LIMA, Aline Barboza de. et al . Feiras agroecológicas em Campina Grande: informação e comunicação na relação campo-cidade. In: **VII Encontro de Extensão Universitária da UFCG**. Cajazeiras,2013.

MARIANO NETO, Belarmino. **Abordagem territorial e enfoques agroecológicos no Agreste/Brejo paraibano: desenhos, arranjos e relações**. 2006. Tese (Doutorado Programa de Pós-Graduação em Sociologia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2006.

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis: vozes, 1981.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária**. FFLC: São Paulo, 2007.185p.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. “As contradições do campo brasileiro: mitos e verdades”. **Barbárie e Modernidade. As transformações no campo e o agronegócio no Brasil**. São Paulo, USP. 2004. Mimeo. 49p.

PAA. (Programa de Aquisição de Alimentos). Disponível em: <http://www.mds.gov.br/segurancaalimentar/decom/paa>. Acesso em 21 jun.2013.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Terra e território: a questão camponesa no capitalismo**. São Paulo. Expressão Popular. 2010.112p.

PRIMAVESI, Ana. Revisão do conceito de agricultura orgânica: conservação do solo e seu efeito sobre a água. *Biológico*, São Paulo, v.65, n.1/2, p.69-73, jan./dez., 2003.

SANTOS, Thiago Araújo. **Agroecologia como prática social: Feiras Agroecológicas e insubordinação camponesa na Paraíba**. Dissertação de mestrado em Geografia Humana. Departamento de Geografia. USP, São Paulo, 2010.

SANTOS, Thiago Araújo. **Território e relações de poder: A busca por autonomia camponesa por meio da feira agroecológica da UFPB**. Universidade Federal da Paraíba/UFPB (*monografia de graduação*). João Pessoa, 2007.

SAQUET, Marcos Aurélio & SANTOS, Roseli Alves do (Org.). **Geografia Agrária, Território e Desenvolvimento**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SOUZA, Marcelo José Lopes. O território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: **Geografia Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro;Bertrand Brasil,2010.352p.

STEDILE, João Pedro. **A questão agrária no Brasil: História e natureza das Ligas Camponesas 1954-1964**.Expressão Popular, 2006.Pág. 21á 76.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Roteiro de Entrevistas aos camponeses do Sítio Ribeiro

- 1) Nome completo;
- 2) Naturalidade?
- 3) Origem da família (de todos que residem na moradia)
- 4) Como adquiriu a terra?
- 5) Já utilizou produtos de origem agrotóxica?
- 6) Como e há quantos anos entrou no processo de transição para a Agroecologia?
- 7) Participa de movimentos sociais (ONG`s, sindicatos associações)?
- 8) Como estão organizados os camponeses do Ribeiro, existem intercambio entre outros camponeses?
- 9) Quais são as Feiras Agroecológicas que participa?
- 10) O que significa Agroecologia?
- 11) Quais as dificuldades e desafios?
- 12) Quais os anseios: melhorias, possibilidades?
- 13) Como enxerga a agricultura no mundo de hoje;
- 14) Qual é a importância das Feiras Agroecológicas?
- 15) Existem atravessadores?
- 16) Quais os apoios existentes para quem produz de forma agroecológica?
- 17) Quais as perspectivas para o futuro familiar?
- 18) Como são os dias de serviço? Contrata alguém?
- 19) Existe ou existiu mutirão?
- 20) Quais os horários que trabalha?

APÊNDICE B

Roteiro de Entrevista para Fracinildo Pimentel da Silva

- 1) Nome completo;
- 2) Naturalidade;
- 3) Origem da família (de todos que residem na moradia)?
- 4) Como adquiriu a terra?
- 5) Qual é o Tamanho da Propriedade?
- 6) Já utilizou produtos de origem agrotóxica?
- 7) Participa de alguma associação ou sindicato?
- 8) O que é produzido em sua propriedade? Porque resolveu produzir esses produtos?
- 9) Qual é o destino final de sua produção?
- 10) Além de sua produção você compra a outros pessoas para atender o mercado?
- 11) Consome os alimentos que é produzido?
- 12) Sua Família Trabalha na produção ou comercialização da produção?
- 13) O que você usa para aumentar a produtividade?
- 14) Quantos trabalhadores há na sua empresa?
- 15) Todos tem carteiras assinadas?
- 16) Qual é a jornada de trabalho deles?
- 17) Já fez algum empréstimo para subsidiar a produção agrícola, como foi?
- 18) Como você enxerga a agricultura no mundo de hoje?
- 19) Recebe ou recebeu algum apoio governamental?

APÊNDICE C

Questionário aplicado aos agricultores assalariados do Sítio São Tomé

Período: Junho de 2013 / / Data da entrevista ____/____/____

Nome do Pesquisador:

Proprietário da Terra:

Tem terra própria () sim () Não

Entrevistado: Nome: _____

Sexo: () Masculino () Feminino

Naturalidade: _____ Idade: _____

NÍVEL DE ESCOLARIDADE			
Sem Escolarização Pré-escolar		Pré-Escolar	
Ensino Fundamental		Ensino Médio	
1° série		1° ano	
2° série		2° ano	
3° série		3 ^{ao} ano	
4° série			
5° série		Ensino superior completo	
6° série		Ensino superior incompleto	
7° série		Ensino Técnico	
8 ^a série		EJA	

Continua estudando? () sim () não Por que?

É proprietário de terra?

() sim () não

Tamanho da propriedade

() menos de cinco hectares () mais de cinco hectares () não possui

Quantidade de pessoas na família:

() crianças () adolescentes () adultos () idosos

Quantidade que trabalha: () crianças () adolescentes () adultos () idosos

Trabalho e renda

Quanto tempo trabalha na agricultura? () menos de dez anos () dez anos () mais de dez anos

Seus pais sempre trabalharam na agricultura? () sim () não

Quais os instrumentos utilizados na lavoura?

() enxada () estrovena () foice () trator () facão

outros.....

Utiliza agrotóxico na plantação? () sim () não

Quanto gasta na compra de agrotóxicos?.....

Quais as principais pragas que afetam a lavoura?.....

O que utiliza para combater-las?.....

Como avalia o método empregado? () ruim () razoável () bom () ótimo

Considera a área agrícola:

() ruim () razoável () boa () ótima

Utiliza sistema de irrigação? () sim () não

Caso utilize, qual o custo para a manutenção do sistema?.....

Trabalha quantas horas por dia? () menos de 8h () 8h () mais de 8h

Trabalha quantos dias na semana? () menos de 5 dias () 5 dias () mais de 5 dias

A carteira é assinada () sim () não

A quantos anos trabalha pra empresa Hortaliças Sempre Verde?

() menos de cinco anos () ate dez anos () mais de dez anos

A produção é vendida para quem?

() Atravessadores

() Cooperativas

() Escolas

() Indústrias

() Redes de Supermercados

() Não comercializa

() Não produz

Renda mensal? () menos de 1 salário mínimo () 1 salário mínimo () mais de 1 salário mínimo () dois salários mínimos () mais de dois salários mínimos () acima de dois salários

Existem aposentados na família? () sim () não

Quantos?.....

Alguém da família trabalha como assalariado? ()sim ()não

Quanto recebe por seu trabalho() Um salário () acima de um salário

Elementos socioeconômicos:

Alguém da família já adoeceu pelo uso de agrotóxico? ()sim ()não ()não utiliza agrotóxico

Qual o destino das embalagens de agrotóxico? ()enterra ()reutiliza ()leva para depósitos()joga fora ()queima ()não utiliza agrotóxico outro.....

Onde você deposita o lixo?()queima ()enterra ()deixa a céu aberto() opções 1 e 2

A água usada para beber é: ()filtrada ()fervida ()clorada ()não tratada

Quais os eletrodomésticos que possui: ()televisão ()geladeira ()liquidificador ()fogão

()telefone ()aparelho de som ()computador outros.....

Já fez empréstimo agrícola? ()sim ()não

Que tipo? ()crédito individual de custeio ()crédito individual de investimento ()crédito

Coletivo () nunca recebeu crédito outro.....

Conseguiu quitar a dívida? ()sim ()não

Obteve bons resultados? ()sim ()não. Por quê?.....

È sócio de alguma Associação comunitário ou sindicato ()sim () não

Com que frequência participa das reuniões da associação comunitária? ()raramente ()sempre que pode ()não participa

Acha importante o papel da associação comunitária ? ()sim ()não

Acha importante o papel do sindicato ? ()sim ()não

Consome dos alimentos da empresa 'Hortaliças Sempre Verde'? ()sim () não

Possui algum problema de saúde, quais?.....

Por que trabalha na empresa? ()único fonte de renda local () necessidade () aumentar a renda ()não teve oportunidade de trabalhar fora

Recebe assistência da empresa? () saúde () educação ()trabalhista () nenhuma

Encontra tempo para trabalhar só para você? ()sim ()Não